

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

RODRIGUES NETTO, Leôncio Martins. Leôncio Martins Rodrigues Netto (depoimento, 2008 / 2011). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (3h 34min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO (CNPQ). É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Leôncio Martins Rodrigues Netto
(depoimento, 2008 / 2011)**

Rio de Janeiro

2019

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: História de vida

Entrevistador(es): Helena Maria Bousquet Bomeny; Karina Kuschnir;

Levantamento de dados: Helena Maria Bousquet Bomeny; Karina Kuschnir;

Pesquisa e elaboração do roteiro: Helena Maria Bousquet Bomeny; Karina Kuschnir;

Técnico de gravação: Bernardo de Paola Bortolotti Faria; Marco Dreer Buarque;

Local: Caxambu - MG - Brasil;

Data: 30/10/2008 a 20/10/2011

Duração: 3h 34min

Arquivo digital - áudio: 1; Arquivo digital - vídeo: 1; MiniDV: 4;

Entrevista realizada no contexto do projeto “Cientistas sociais de países de Língua Portuguesa: histórias de vida”, com financiamento do Programa de Cooperação em matéria de Ciências Sociais para os países da comunidade de Língua Portuguesa (Programa Ciências Sociais CPLP) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). O projeto teve vigência de dois anos (2008/2009). Para ter acesso à transcrição e ao vídeo da entrevista [clique aqui](#).

Temas: Antropologia; Assuntos familiares; Câmara dos Deputados; Campanha eleitoral; Ciência política; Ciências Sociais; Classe operária; Classes sociais; Democracia; Direita; Ensino superior; Esquerda; Fernando Henrique Cardoso; Florestan Fernandes; Governos militares (1964-1985); História de vida; Ideologia; Intelectuais; Intercâmbio cultural; Jânio Quadros; Jornal O Estado de São Paulo; Marxismo; Militância política; Movimento estudantil; Movimento sindical; Obras de referência; Participação política; Partidos políticos; Política; Política partidária; Pós - graduação; Reforma Universitária de 1968; Ruth Corrêa Leite Cardoso; São Paulo; Sindicalismo; Sistema político; Sociologia;

Sumário

1ª Entrevista: 30.10.2008 Origens; história familiar; a ligação com São Paulo; a experiência em Assis; a ida para Santos; influência familiar; as primeiras leituras: lembrança acerca do gosto pelos livros da Coleção Terra, Mar e Ar, destacando os do autor Karl May; a tentativa de ingresso no Colégio Militar; a volta para São Paulo; o trabalho no escritório de advocacia; o interesse pela política; o ingresso no Partido Socialista por influência do tio José Calazans; menção às eleições de 1950; o contato com o trotskismo; a adesão ao Partido Socialista Revolucionário; a criação do Partido Operário Revolucionário (POR); a ruptura com o trotskismo; o contato com Fernando Henrique e Ruth Cardoso; o colégio Fernão Dias Paes; o emprego na Secretaria do Trabalho; o interesse pelo Centro de Estudos da Mão-de-Obra; comentários sobre o desempenho escolar; as boas relações como aluno de Ruth e Fernando Henrique Cardoso; a escolha pelas Ciências Sociais; o percurso até a entrada na universidade; o ingresso no curso normal; a participação no IV Congresso da IV Internacional; idas e vindas do curso normal; o ingresso na universidade; menção à produção intelectual de sua mulher, Arakcy Martins Rodrigues; traduções na Difusão Européia do Livro; o aprendizado da língua francesa; a experiência como auxiliar de pesquisa no Centro de Sociologia Industrial e do Trabalho (Cesit); o trabalho no jornal O Estado de São Paulo; comentários sobre o Cesit; a oferta para a cadeira de Sociologia I, chefiada por Florestan Fernandes; a pesquisa do Cesit e o mestrado; o mundo do trabalho como objeto de pesquisa; a pesquisa na montadora de automóveis Willys-Overland para o doutorado; a influência de Juarez Brandão Lopes; observações sobre a orientação de Florestan Fernandes; as conclusões e a avaliação da tese; recordações da militância política; a eleição de Jânio Quadros para prefeito de São Paulo, em 1952; a criação da União Operária Popular (UOP); a descrença no proletariado revolucionário; comentários sobre seu livro Sindicalismo e conflito industrial no Brasil; repressão e cassações durante a ditadura militar; a pesquisa na Argentina, juntamente com Fernando Henrique Cardoso; menção ao exílio de Fernando Henrique Cardoso no Chile; a recusa de um cargo no Instituto Latino-Americano de Planejamento Econômico e Social (Ilpes) por Fernando Henrique; as disputas pelas cátedras de Sociologia I, II e Ciência Política; a criação do Cebrap; a coordenação do Cesit; concepção sobre o modelo de universidade; o impacto da reforma de 1968 na estrutura acadêmica e intelectual; implicações e consequências dos modelos de cátedra e

departamento; referenciais teóricos: "o Manifesto Comunista", "O 18 Brumário", "A revolução traída", "As regras do método sociológico", "As classes e seus conflitos na sociedade industrial", "Dezoito lições sobre a sociedade industrial" e "Modelos de partido"; a ida para a Ciência Política; o interesse pela política; os textos para a "História da civilização brasileira"; a escrita do texto "Quem é quem na Constituinte"; a referência à sua última obra sobre o sindicalismo: o "Destino do sindicalismo"; a diferença entre ser pesquisador no primeiro e no terceiro mundo; conflitos nas cadeiras de Sociologia e Antropologia; Fernando Henrique e Ruth Cardoso como referências; opinião sobre o Grupo d'O Capital; o intelectual e o poder: a relação com o governo FHC ; o cargo na OIT (Organização Internacional do Trabalho) durante o governo FHC; o trabalho no Conselho Deliberativo do CNPq; o prazer pela pesquisa; a aversão ao poder; comentários sobre o "Mudanças na classe política brasileira".

2ª Entrevista: 20.10.2011 A mudança de objeto de pesquisa; o estudo sobre os dirigentes de partidos políticos; a análise da câmara de deputados e seus integrantes; o recrutamento realizado pelos partidos políticos; as lideranças sindicais e a participação na política partidária; os segmentos sociais e os partidos políticos; a correlação entre a atuação política e o patrimônio pessoal; possibilidades e formas de entrada no campo político: sindicatos e movimentos estudantis; a correlação entre as fontes de recrutamento dos partidos e a posição ideológica; a postura ideológica e as legendas partidárias: esquerda, centro e direita; a "popularização" da classe política; a descaracterização de partidos; consequências da democratização da participação do eleitorado; o financiamento de campanhas; a relação entre o sistema político e o econômico; resultados do estudo sobre sindicatos; os estudos de política e os cursos de pós-graduação; considerações gerais sobre a política hoje; os cursos de Ciências Sociais e as múltiplas formações; a crise do marxismo e o retorno da técnica e dos métodos de pesquisa; a produção brasileira em Ciências Sociais; as influências intelectuais e o intercâmbio de experiências acadêmicas; autores que influenciaram a carreira; a politização dos estudantes; a contribuição da pesquisa no campo político para a Sociologia; os dirigentes sindicais e suas atuações no cenário político atual; o sindicalismo do setor público; a automação do setor produtivo e a mudança do sindicalismo deste campo.

1º entrevista: 30/10/2008

K.K – Leôncio, em geral, as entrevistas que nós vimos com você começam já na fase da sua graduação, aos 29 anos, um pouco mais tardia em função da militância. Então, eu acho que seria uma boa ideia a gente retroceder um pouco e saber um pouco como era o seu ambiente familiar, como é que isso de alguma forma influenciou nos rumos que o início da vida adulta tomaram, antes da graduação.

L.R. – Bem, eu vou tentar responder e vou tentar também incluir alguns elementos de análise sociológica da minha própria vida, porque eu acho que isso ajuda a entender certas opções intelectuais que hoje, com a idade, eu vejo que elas, sim, foram pessoais, em um certo sentido, mas também foram de todas as pessoas que estavam mais ou menos na mesma situação do que eu, na mesma situação social. Eu vim do que as pessoas chamam de paulistas quatrocentões – os meus bisavós eram brasileiros já –, e como toda família tradicional declinante, nós íamos para o setor público. Então, o meu avô era juiz e delegado e, do lado materno, uma das minhas avós, que era uma mulher excepcional para a época, foi diretora de um grupo escolar, uma coisa importante naquela altura. Era uma família muito paulista desse ponto de vista: meu pai e meus tios todos foram para a Revolução de 32, e essa minha avó foi também – ela se alistou como enfermeira. Na minha casa, aquilo... era cheio de símbolos da Revolução Paulista: capacetes, emblemas, “doe ouro para São Paulo”, revistas, muitas coisas. E eu, quando fiquei um pouco mais velho e cheguei na adolescência e fui ficando mais de esquerda, eu me irritei com aquilo e joguei fora toda aquela documentação. Hoje eu lamento, sobretudo as pilhas de revistas que foram editadas na época. Mas, com isso, meu pai não terminou a universidade, e minha mãe era professora normalista, mas não lecionava.

H.B – Seu pai não terminou a universidade, mas começou?

L.R. – Começou, mas não terminou. Então, ele foi...

H.B. – Direito também?

L.R. – Não. Acho que era Engenharia, no Mackenzie. E ele conseguiu um emprego, um cargo de funcionário da Secretaria da Agricultura, no Serviço de Proteção à Caça e à Pesca. Era um fiscal. E de lá, por causa disso, nós fomos indo para muitos lugares: Itapetininga – eu era menino, muito pequeno –, depois fomos para Taubaté, onde eu fiz o pré-primário e o primário, como chamávamos naquela época, e depois, talvez por razões políticas, o meu pai, como um castigo, foi transferido para Assis, lá no norte do estado, perto do Paraná, e ele não queria ir e nem a minha mãe – ninguém queria ir... Porque eu nasci em São Paulo. Eu esqueci de dizer, eu nasci em São Paulo, e a minha família toda, embora não tivessem nascido aqui, moravam em São Paulo. Eram todos do interior do estado: meu pai era de Lorena e minha mãe era de Amparo. E ninguém queria ir para Assis. Mas não houve conversa e fomos para Assis, que era muito atrasada naquela época: não tinha uma rua asfaltada, a água era de poço, não tinha coleta de lixo, tinha que fazer um buraco enorme no quintal e encher de lixo lá, e depois fechava outra vez, e eu andava grande parte do tempo descalço e...

H.B. – Leôncio, que razões políticas?

L.R. – Eu acho que foram divergências com relação ou à chefia ou ao Getúlio, ou ao Adhemar de Barros. Eu não sei bem. Eu era garoto, eu não sabia direito. Eu sei que ele moveu céus e terra para não ir, mas acabou sendo castigado e foi mandado para lá. Mas naquela altura, quando eu fui para Assis, eu tinha oito anos de idade, então, nem me lembro direito. Eu me lembro que minha mãe, ao chegar lá, chorava.

K.K. – E é um período de guerra também, não é?

L.R. – Sim, era a época da guerra. Ela chegou e, ao ver a cidade, começou a chorar. Bom, aí, ficamos lá. Eu fiz o primeiro ano do ginásio, naquela época – o ginásio tinha sido instalado naquele ano em Assis e eu fui da primeira turma –, eu fiz então o ginásio lá, mas já no segundo ano, eu não sei como, meu pai conseguiu ser transferido para Santos. Então, foi um salto enorme, não é? Para mim foi ótimo, porque Santos era muito agradável naquele período. Nunca tínhamos... Não se falava de poluição. E depois ele foi nomeado diretor do Instituto de Pesca e de vez em quando saía para fazer uma inspeção pelo litoral. Não tinha nada. Nós saíamos de Santos em um barco de pesca, íamos até Ilha Bela, e não tinha... A

única maneira de chegar em algumas praias era por barco, não é? Era um barquinho desses... muito vagabundo, mas dava para ficar vários dias no mar e dava para cozinhar, e se pescava também, enquanto isso. Mas não tinha nada. Tinha algumas colônias de pescadores, e a tarefa do meu pai era a proteção à pesca, sobretudo na época da pesca da tainha. Porque a tainha, eu não sei se vocês sabem disso, a tainha vai desovar no rio – ela fica no mar, mas ela vai desovar no rio – e é mais fácil apreender e capturar as sardinhas [tainhas] na entrada dos rios. Então, eles põem uma coisa chamada cerco, que é uma forma de um triângulo aberto na ponta. É fácil entrar, depois a tainha vai e passa, mas na volta, ela tem dificuldade para encontrar o caminho de volta para o mar. Então, se captura as tainhas antes de elas desovarem, inclusive porque a ova vale, tem utilidade. As pessoas gostam com a ova. Mas isso é muito ruim para a reprodução. E o meu pai ia com alguns fiscais e destruíam esses cercos, que eram estacas colocadas no fundo do rio, geralmente de bambu, se bem me lembro, que dirigiam as tainhas. Elas entravam por lá e iam para o rio, subiam um pouco o rio, desovavam e iam voltar para o mar. E aí elas não voltavam. Mas eles capturavam antes. Então, isso era proibido. E quando nós morávamos em Assis, a preocupação do meu pai era mais com a caça, com a caça ilegal, e animais silvestres era apreendidos, e o meu pai era o fiscal ou inspetor lá. E mandavam os animais para São Paulo, para o Zoológico. Mas não era fácil mandar imediatamente, então, em minha casa, de vez em quando tinha lá uma onça pequena que tinha sido capturada e ficava lá; eu tinha um quati que eu acabava brincando, araras... Assis era realmente muito atrasada desse ponto de vista.

2º Bloco

K.K. – E em termos de biblioteca em casa, como é que era?

L.R. – A minha família... O meu pai lia... A minha mãe lia muito, o meu pai lia mais ou menos, mas eu sempre gostei muito de ler. Eu lia muito. Para começar, por gibis, e depois, esses contos policiais. Eu me lembro que eu gostava muito da Coleção Terra, Mar e Ar e eu praticamente li todos os livros da Coleção Terra, Mar e Ar. E um dia, para minha felicidade... Eu tinha um amigo que era filho do zelador da prefeitura e ele me mostrou lá, e eu entrei em uma sala onde tinha uma biblioteca da prefeitura. Não era uma sala grande. Era uma sala. E eu descobri uns livros da Coleção Terra, Mar e Ar, inclusive os livros de um autor alemão

chamado Karl May, M-A-Y, que escrevia sobre um alemão chamado Mão-de-Ferro – era o nome que ele se dava –, que teria ido para o oeste americano. Ele nunca tinha saído da Alemanha, mas ele leu muito sobre o oeste americano e inventou essas histórias. O Karl May era muito amigo de um índio chamado Winnetou. E eu adorava essa série. Tanto é que, quando eu fui para Santos, eu tinha lido o primeiro e o segundo e faltava o terceiro volume, e eu fiquei desesperado, porque eu queria achar o terceiro volume, e tanto fuzei lá em Santos que acabei encontrando o terceiro volume. Agora, já mais velho, eu dava um curso sobre autoritarismo e totalitarismo lá na USP e comecei a ler – li muito, para dizer a verdade – tanto sobre o regime soviético quanto sobre o nazismo e o fascismo e, nessas leituras, eu descobri que o Karl May era o autor preferido do Hitler, e ele gostava porque o Karl May era um herói alemão que era fortíssimo, que tinha matado um urso com uma facada e tal. Então, era bastante romanceado e idealizado, o herói Mão-de-Ferro. Mas o livro era realmente, para um jovem, era uma coisa bem interessante. Eu não sei se para um adulto ele teria o mesmo encanto.

K.K. – Mas você estava contando que...

L.R. – Mas eu lia bastante, muito lá. A vida inteira eu li muito. Então, continuei lendo romances...

K.K. – Você estava contando que, no final do ginásio, aí você foi para Santos. Aí era um outro colégio...

L.R. – Aí, fui para Santos, fui para um colégio estadual chamado Canadá e, no Canadá, eu fiquei até... Eu não sei agora... Eu terminei o que era... É, eu entrei, eu acho, para o primeiro colegial, mas a minha família voltou para São Paulo. Todo mundo voltou para São Paulo.

H.B. – Você tem irmãos?

L.R. – Eu tenho três irmãos, homens, todos.

K.K. – Mais velhos? Mais novos?

L.R. – Eu sou o mais velho. E voltamos para São Paulo. Eu deveria, antes, quando eu estava ainda... Em Santos, moramos dois anos em São Vicente. A família inventou que eu deveria prestar exame para a Escola Militar daqui de São Paulo. Um amigo meu, muito amigo, também ia prestar e me convenceu que era ótimo, e a minha família insistiu que... Na minha família não havia nenhum militar. Eu não sei por que apareceu isso. Acho que por causa de uma segurança econômica, e talvez a dificuldade que eles... A família foi declinando à medida que começou a inflação, e o setor público, que tinha algum prestígio, declinou. Tanto é que a minha mãe, já em Assis, foi trabalhar, porque a renda era baixa e ela conseguiu uma nomeação como escriturária desse novo ginásio que tinha sido criado em Assis, e depois, em Santos, ela foi transferida também para o Colégio Canadá e ficou lá trabalhando, também como escriturária. Bem, então, eu não... Na verdade, eu me preparei muito mal para o exame na Escola Militar e não passei. Fui reprovado em Matemática. E eu achei muito bom. Então, aí eu voltei para terminar o colégio. Eu tinha feito o primeiro científico e passei para o clássico – porque era dividido em duas partes –, que eu achei que era mais adaptado para os meus interesses. A família entendia que havia apenas três profissões dignas, que eram: médico, advogado e engenheiro. Para engenheiro, eu já tinha visto que eu não tinha nenhuma capacidade; para Medicina, muito menos, então, obviamente, como eles achavam que eu falava bem e lia muito, tinha que ser Direito. Então, eu fui para lá e consegui, para me preparar já, um emprego em um escritório de advocacia.

K.K. – Antes mesmo de entrar na faculdade?

L.R. – Antes de entrar na faculdade. Agora você vai ver porque eu não... o hiato que se estabeleceu. Eu fui trabalhar na... E tinha que ir ao fórum procurar processos, e quando eu vi aquela papelada, aquela coisa toda, eu disse: “Não, isso aqui não é bem o que eu estava pensando”, e desisti. Aí, no colégio, eu estava com dezesseis ou dezessete anos, eu comecei a me interessar por política. Mas eu sempre gostei de ler política internacional. Mesmo em Santos, com doze, treze anos, eu gostava de ler política internacional, e entrava em conflito com o meu pai, porque eu queria ler o *Diário de São Paulo*, que tinha mais informações sobre política internacional, e o meu pai queria ler *A Tribuna de Santos*, para saber o noticiário local. Bom, mas eu gostava muito disso. Eu sempre acompanhei.

3º Bloco

L.R. – E vindo aqui em São Paulo, um tio de uma tia minha era do Partido Socialista, e ele então me falava daquilo e me convenceu e eu fui ao Partido Socialista. Era eleições em 50, ganha pelo Getúlio. E eu fiquei... Entrei um pouco na campanha em 50, ajudando lá... como ajudante do Cid Franco, que era o único deputado do Partido Socialista na Assembleia Legislativa.

H.B. – Então, foi o seu batismo político.

L.R. – Foi ali. Eu comecei a participar da campanha. Eu nem conhecia São Paulo direito.

K.K. – Era um tio da sua tia?

L.R. – Um tio [casado com a] irmã da minha mãe. José Calazans era o nome dele.

K.K. – O irmão da sua mãe era do partido?

L.R. – Não. A minha mãe tinha uma irmã, que tinha, naquela altura, um noivo, e depois um marido que se chamava José Calazans, que era irmão de um padre famoso da UDN chamado padre Calazans, e ele era do Partido Socialista. E aí eu fui... Eram eleições em 50 e o partido estava fervilhando. O partido tinha lançado o Mangabeira. E eu fiquei encantado com aquela movimentação na sede do partido: era gente entrando e saindo e aquela... Toda a agitação que têm os partidos nas épocas de eleições. Há coisas curiosas. Eu não sei se eu estou me desviando, mas eu acho muito gozado... Lá no partido, na sede do partido, tinha um funcionário do partido de quem eu fiquei amigo, e um dia ele me disse... Ia ter um comício do Getúlio no Vale do Anhangabaú e ele me disse: “Nós vamos com um grupo e nós vamos romper o comício do Getúlio, passar pelo meio dele”. Pegamos muitos panfletos do Mangabeira para distribuir e jogar. “E vamos todos com uma traja preta, de gravata preta.” O Getúlio não tinha muita penetração entre os estudantes naquela altura, não é? E eu me lembro perfeitamente, o ponto de encontro era na Light, ali em frente, na praça Ramos de Azevedo. Ali onde hoje é um shopping, era um prédio da Light. Era o ponto final do bonde.

Então, eu fui todo... Tentei arrebatá-los para virem junto comigo, mas ninguém quis e eu, meio desapontado, eu fui sozinho. Quando desci lá, fiquei procurando esse companheiro – o nome dele era Caetano Matanó – e aí, ele apareceu e eu falei: “Cadê os outros?” Ele disse: “Não há outros. Sou só eu”. Aí, nós: “o que vamos fazer?” E aquela massa imensa no Anhangabaú, embaixo do... “Ah, então, vamos jogar os panfletos de cima do Viaduto do Chá.” Fomos lá, e quando... A ingenuidade, não é? Estava a barreira de segurança. Ninguém se aproxima. Nós fomos passar, já tinha lá um fulano: “você vão aonde?” “Não, nós vamos olhar daqui.” “Não. Para fora.” Bom, aí fomos procurar como é que íamos distribuir os panfletos, como é que íamos romper aquela massa imensa. Procuramos um prédio. “Bom, lá de cima, nós jogamos.” Quando fomos entrar, tinha um tira. A polícia não era tão besta quanto nós julgávamos. “Onde é que vocês vão? Vocês moram aqui?” “Não, nós vamos...” E com medo, porque nós estávamos com os panfletos do Partido Socialista. “Fora!” Então, desistimos.

H.B. – Não distribuíram nada.

L.R. – Não distribuímos absolutamente nada, não é? Bom, mas o fato é que eu me integrei bastante, na medida do possível, na campanha, mas tudo tarefas secundárias: ficava fazendo boca-de-urna... Naquela época, tinha que sair cedinho, por um santinho na... Para distribuir santinho, por uma banca perto. Mas aí, veio o seguinte – vamos chegar a um ponto que é mais interessante, acho eu –, terminou a eleição e eu, logo em seguida, eu estava lá na sede do partido para... E não tinha ninguém. Não tinha absolutamente ninguém. Porque o Partido Socialista era um partido eleitoral também.

K.K. – Você era muito novo, não é?

L.R. – Eu tinha 16 ou 17 anos. E aí, não tinha ninguém. Eu fiquei muito desapontado. E no dia seguinte também, praticamente ninguém, a não ser um funcionário lá. Então, eu... Tinha havido uma reunião que eu fui olhar que era para expulsar alguns trotskistas que estavam infiltrados lá dentro. Havia um grupo... A organização trotskista se chamava Partido Socialista Revolucionário, e tinham dois militantes que estavam lá infiltrados no Partido

Socialista, que é uma velha prática trotskista, que acabaram sendo expulsos porque não eram realmente socialistas. E eles logo perceberam um novato lá, que era eu, e então, começaram a puxar papo, e eu estava meio decepcionado com o partido e eles aproveitaram, disseram: “É, o partido não é verdadeiramente revolucionário”, e começaram a me passar literatura trotskista. E então eu achei que ali estava realmente o que eu gostava, porque era uma coisa revolucionária, mas não era stalinista. Eu nunca tive simpatias pelo Partidão por causa da exaltação do Stálin, da União Soviética. O estilo do Partidão não me atraía. Sobretudo, eu não podia engolir o culto ao Stálin. Então, eu achei... “Bom, eis aqui o que eu precisava”, que era um grupo trotskista, comunista, leninista, revolucionário, mas não stalinista, e que criticava a União Soviética. Então, à medida que eu fui lendo aquela literatura, eu acabei sendo... E cada vez mais engajado, até que um dia me convidaram para aderir ao trotskismo, o que eu fiz, e fiquei seis a sete anos militando lá e parei de estudar. Eu não vou me estender sobre isso porque falaríamos muito. Bom, mas para voltar ao caso, aí eu fiquei no trotskismo por uns seis ou sete anos. Era um grupo pequeno e sempre tinha muitas cisões, não é? Logo depois que eu entrei, um ou dois anos depois, o grupo de velhos trotskistas, e o mais importante era o Hermínio Sacchetta, que tinha sido também da direção regional do Partido Comunista e tinha rompido com o partido e tinha ido para o trotskismo e, finalmente, mais ou menos dois anos depois de quando eu estava lá, o Sacchetta rompe, por essas brigas internas do trotskismo, e então se resolve mudar o nome do partido, de Partido Socialista Revolucionário para Partido Operário Revolucionário (POR), para seguir uma tendência que estava se instalando em toda a América Latina, sob a influência do Posadas. Então, eu fiquei no trotskismo, e acabei sendo enviado como delegado, um dos delegados – eram dois –, para o IV Congresso da Internacional, da Quarta Internacional, que foi em 54, na França, e depois fui... Não vou dizer que eleito porque não tinha essas eleições, mas acabei sendo indicado para o Bureau Latino-Americano e fiquei um ou dois anos nisso, e depois, aos vinte e três ou vinte e quatro anos, eu acabei rompendo e saí do trotskismo.

H.B. – E era possível fazer isso, “não quero mais ficar”, e sair? Ou era um processo difícil?

L.R. – Não, era um processo mais ou menos complicado. Mas eu aí teria que fazer uma análise, eu não sei se interessa às pessoas, da situação do grupo trotskista quando eu saí. Era um grupo muito pequeno e muito dividido e com alguma implantação, mas muito pequena,

em segmentos limitados dos trabalhadores e com o chamado movimento de massas, mas nós não conseguíamos manter isso. Conseguíamos uma infiltração em um sindicato, ganhávamos, como se dizia, algumas pessoas, mas depois de um ou dois anos, essas pessoas saíam. Eu não vou analisar agora isso porque nós iríamos muito longe. É interessante, eu acho, do ponto de vista de uma análise sociológica das organizações e de por que as pessoas vão para esse movimentos. Aí nós teríamos que entrar em uma análise psicossocial de tudo isso.

4º Bloco

H.B. – Quer dizer, isso tudo no ensino secundário.

L.R. – Eu parei o colégio. Eu não fiz o segundo colegial. Eu larguei no meio. Eu pensei: “Eu não vou ficar estudando Latim e essas coisas”. Tinha um professor lá que me irritava com o estilo dele e eu o tomei como pretexto. “A revolução vem aí, vai ser uma coisa mais importante do que ficar estudando Latim, essa bobagera aqui”, e larguei. Lá, curiosamente, estava o Fernando Henrique, que não era casado ainda com a Ruth – ele era aluno ainda da Faculdade de Filosofia, a Ruth também. Havia falta de professores qualificados. Os professores, geralmente, na área de Linguística, eram advogados – geralmente, advogados sem muito sucesso –, que davam aulas de Português, de Latim etc. Ou padres também, era muito comum. E às vezes... Ou engenheiros, ou médicos, ou gente que tinha começado essa formação...

K.K. – E qual era o colégio a essa altura?

L.R. – O colégio era o mesmo, o Fernão Dias Paes. Quando eu cheguei de Santos, eu fui para lá.

K.K. – E o Fernando Henrique e a Ruth eram alunos também?

L.R. – Não, eram professores. Eles eram alunos da Faculdade de Filosofia. A Ruth tinha quatro anos mais do que eu e o Fernando, três. Eles já estavam dando aula lá. Eu fui aluno da

Ruth, na área de História.

H.B. – Isso que eu não tinha entendido bem.

L.R. – Mas não... O Fernando, eu acho que estava... Eu estava no clássico e eu acho que o Fernando estava no científico. Mas eles não ficaram muito tempo, porque eles terminaram a faculdade e foram convidados para ficar na cadeira: a Ruth, na cadeira de Antropologia, e o Fernando trabalhou um tempo na cadeira de Economia e depois foi convidado pelo Florestan Fernandes para ir para a cadeira de Sociologia I... Mas lá eu travei conhecimento com eles. E eu me lembro que a Ruth mandou ler o Gilberto Freyre e outros autores que eu... Eu gostava. Eu gostei muito daquilo. Bem, mas logo eu larguei tudo e fui fazer militância e perdi contato. O Fernando casou-se com a Ruth e tal e perdi contato com eles. Inclusive, porque o Fernando era... Não é o caso da Ruth, mas o Fernando era do Partidão e eu era um trotskista, e não se deveria ter relações... Um membro do Partidão, pelo artigo 13, não podia ter relações nem com delinquentes nem com policiais e nem com trotskistas.

H.B. – Que interessante!

K.K. – Nem com o Partidão.

H.B. – Nem com o Partido Comunista.

L.R. – Não, os membros do Partidão não deveriam ter relações...

H.B. – Ah! Era o Partidão.

L.R. – ...De amizade ou sociais com pessoas... Com bandidos ou delinquentes, policiais e trotskistas. Isso era curioso porque, muito tempo mais tarde, eu acabei ficando amigo do Fernando e da Ruth, por razões que eu vou explicar daqui a pouco, e as pessoas criticavam o Fernando. “Como é que você anda com o Leôncio? Ele é trotskista.” Bom, mas o Fernando não ligava muito para isso e nós tivemos muito boas relações. Em 56, quando houve uma

defecção enorme dos intelectuais em razão do Relatório Kruschev e, depois, do levante da Polônia e da Hungria... Um grupo grande de intelectuais, e não só de intelectuais, liderados pelo Agildo Barata saiu do Partido Comunista para criar um outro grupo, mais nacionalista. Esse movimento não teve êxito. Depois não foi para frente. Mas nessa altura, o Peralva, por exemplo, que até escreveu um livro, chamado *O retrato*, sobre o partido, estava lá nesse grupo; o Fernando Pedreira, que depois foi redator do *Estadão* e do *O Globo*, também era do partido; a mulher dele nessa altura, essa pintora, a Renina, era do partido, então, o partido tinha uma força realmente muito grande. Eu acho que era a maior... Depois dos Diários, era a maior cadeia de jornais do Brasil, de jornais diários. Tinham jornais diários – eu posso estar equivocado – em cinco ou seis capitais importantes: São Paulo, Rio, Belo Horizonte, Recife e Porto Alegre. Tinham um jornal diário e dominavam amplamente a intelectualidade brasileira Mas o fato é que, do meu ponto de vista... Aí aconteceu uma coisa bastante curiosa novamente: quando eu fiz 18 anos, meu pai me conseguiu uma nomeação para a Secretaria do Trabalho. Era um cargo sem muita importância, uma função sem importância, de escriturário, mas, para um jovem, já era razoável. Eu podia dar quase metade do que eu ganhava para a organização trotskista. Quando eu fui para lá, tinha sido criado o Serviço de Estudos da Mão-de-Obra, e eu tinha feito um curso de Estatística, promovido por um outro... por um interesse meu, no IBGE, e quis ir trabalhar nesse... Porque eu estava emprestado para o IBGE, e em um dado momento, todos os funcionários que estavam emprestados no IBGE deveriam voltar para suas repartições porque eles iam nomear mais gente. Esse desenvolvimento comum de sempre. Então, quando eu fui voltar para a Secretaria do Trabalho, eu vi que tinha esse Centro de Estudos da Mão-de-Obra e falei: “Não, eu quero isso, porque tem... Isso me interessa”. E lá estava a Ruth Cardoso, trabalhando lá. Ela era uma das técnicas, junto com outros dois professores que também foram para a Faculdade de Filosofia. Não, não foram para a Faculdade de Filosofia. Um foi para a Fundação Getulio Vargas e outro foi para... Ah, sim, eu acho que estava junto. Era um estatístico que ficou também lá na Faculdade depois, ou foi para a Economia ou alguma coisa assim. O nome dele era Álvaro Martim.

H.B. – Perdão.

L.R. – Álvaro Martim era o nome dele. E o outro era o Orlando... Eu esqueci o sobrenome

dele. E a Ruth foi convidada para ser assistente na Antropologia. Lá, voltei a encontrá-la e a encontrar também o Fernando Henrique – eles já estavam casados e ela estava grávida...

K.K. – E ela lembrava de você?

L.R. – Ah, claro, claro. Então, estávamos conversando...

K.K. – É interessante... Desculpa. É só para... Para quem foi um aluno que saiu do colégio, abandonou e, enfim, tinha uma relação provavelmente não tão apegada ao colégio, essa relação com o professor não era também tão frágil, vamos dizer assim, a ponto de vocês terem uma...

L.R. – Não, primeiro porque eu era muito metido e gostava de falar e dar palpites, ou porque...

K.K. – Você era um bom aluno?

L.R. – Eu sempre fui um excelente aluno na área de História, e Geografia também. O que eu não ia era na...

H.B. – Matemática.

L.R. – ...Matemática, Latim e essas coisas. Na área de História, eu me saía muito bem, não tinha nenhum problema. E, também, a Ruth era muito moça, era a primeira vez que ela estava dando aula, ela e o Fernando. O Fernando era muito irônico, gozador e os alunos gostavam dele, e a Ruth era mais séria nas coisas. E emprestou livros...

K.K. – Ela dava aula de quê?

L.R. – Ela dava aula de História, de História do Brasil, eu acho. Então, para mim, comparando com os professores, ela era um deslumbramento. Aliás, já no colégio de Santos, também, eu tive uma professora de Geografia que tinha vindo da Faculdade de Filosofia,

Ciências e Letras. Era um outro nível. Porque saía de lá alguém que dava Geografia que eu não sei bem o que era, e quando essa professora chegou, era um negócio fantástico, fantástico. A professora de Português também, do próprio colégio, era... Era outro mundo, comparado com um fulano que era padre, ou tinha deixado de ser padre, um advogado fracassado, um médico fracassado. Era um pessoal jovem e com uma outra formação. Não dá para dizer o que era aquilo.

K.K. – Eu te interrompi porque a gente tem esse interesse de ver um pouco essa marca de professores que, às vezes, muito jovem, muito cedo marcam as pessoas, por essa qualidade, por essa...

L.R. – É, no meu grupo de lá... Até foi curioso, porque tinha dois outros alunos também, e um deles foi ser professor também na USP e trabalhou depois comigo e se formou em Ciências Sociais, que é o Gabriel Bolaffi...

K.K. – Gabriel...?

L.R. – Gabriel Bolaffi. Ele está vivo ainda. E tem um genro dele aqui também, que trabalha com a Teca, com a Maria Tereza Sadek. Então, essa é uma... Foi muito... Havia um outro, chamado Henrique – eu me esqueci o sobrenome –, e nós éramos muito metidos, então, nós conversávamos muito com a Ruth e discutíamos, não é? Mas, na verdade, eu saí e perdi o contato com eles. O importante foi que, quando eu reencontrei a Ruth e o Fernando Henrique...

K.K. – Nesse Centro de Estudos.

L.R. – ...Nós estávamos conversando e ela me disse: “Por que você não faz Ciências Sociais?” Eu nem conhecia direito aquilo. Quando ela me falou o que era Ciências Sociais, eu falei: “É isso que eu quero”. Encontrei o meu eixo, para repetir a frase do Suplicy. Era o que eu queria. Mas eu tinha um pequeno problema, um pequeno grande problema: eu não tinha terminado o colégio, então, não podia prestar vestibular. E eu fiquei arrasado, porque... Eu acho que assisti a algumas aulas como ouvinte, e era aquilo mesmo, não é? E eu já estava para sair do trotskismo e tinha lido muito na área marxista, as obras do Trotski, Lênin, Marx,

mas eu ainda não acreditava naquilo lá. Eu queria Sociologia mesmo.

5º Bloco

L.R. – Bem, isso foi um drama para mim. Eu tinha que voltar, e como fazer? Eu tinha que largar a militância política e ficar mais dois anos fazendo o colégio. E como era muito chato, eu falei: “Eu vou fazer o Normal”. Porque o Normal dava direito a prestar vestibular, e eu vi, pelas matérias do curso Normal, que tinha Sociologia, Pedagogia, não sei o quê, que eram matérias nas quais eu conseguiria me sair melhor sem me dedicar muito. O único problema difícil para mim eram as aulas de música – tinha que aprender música para ensinar para as crianças e eu canto muito mal –, mas a professora aprovou todo mundo.

H.B. – Então você foi fazer o curso Normal?

L.R. – Aí eu fui fazer o curso Normal no noturno. Eu tentei primeiro no diurno, para não atrapalhar a militância política, cujas reuniões geralmente eram à noite. Então, eu fui no diurno, e depois eu ia trabalhar lá na repartição, na repartição pública da Secretaria do Trabalho. Mas eu não pude aguentar aquela classe. Eu era o único rapaz da classe e todo mundo olhava espantado, e não se podia fumar na classe e...

H.B. – Um trotskista na Escola Normal!

L.R. – Então, isso... Além do mais, nesse...

K.K. – Era o único homem, não é?

L.R. – É. E eu tinha que pagar ainda – essa escola era paga –, e o meu ordenado era baixíssimo, era de um... Mas, nesse ínterim, veio o IV Congresso da Internacional e eu fui indicado. Eu não podia deixar de ir, então, parei o curso e fui para lá. E quando eu voltei para o Brasil, e isso demorou, porque a gente ia de navio, eu tinha perdido [o ano] e larguei aquilo e voltei a militar. No ano seguinte, eu falei: “Meu Deus do céu! Eu vou ficar a vida inteira aqui como escriturário dessa faculdade [repartição]?” E eu descobri que muitos dos

meus companheiros de partido iam estudando, subindo na vida e encontrando empregos agradáveis, dando aula ou, antes disso, namorando as meninas da Faculdade de Filosofia, e eu só ficava circulando na periferia. Até, em um dado momento, inventaram que era preciso uma proletarização dos militantes, para poder atuar nos sindicatos, e eu tive que ir para uma fábrica. Primeiro, aprender a manejar um torno em uma fábrica. E era um negócio realmente muito difícil, porque eu não queria largar o meu emprego na Secretaria do Trabalho, porque na fábrica, para um desajeitado como eu, ninguém iria pagar nada. Então, eu acertei na fábrica pegar um turno de seis a uma e postergava depois o trabalho na Secretaria do Trabalho e tinha reuniões à noite, e eu estava esgotado com aquilo. Mas era meu dever me proletarizar e depois ir atuar no sindicato. Eu tive uma sorte que, nesse ínterim, passou pelo Brasil um alto dirigente do secretariado internacional, o Pierre Frank, que tinha sido secretário do Trotski e que passou por aqui... Por causa das várias cisões que tinha no trotskismo, ele estava querendo ver como as seções latino-americanas iriam se posicionar para o próximo congresso da Quarta, que seria na França. Bom, conversando com ele, ele... Eu sei que se marcou uma reunião ou houve alguma coisa e eu falei: “eu não posso porque eu estou na fábrica”. E ele falou: “Como você está numa fábrica?! Você tem que ir para o congresso”. Eu falei: “eu não posso”. E ele disse: “mas isso é um absurdo, porque nós, para formar um operário, já dizia Lênin, nós tiramos da produção para se tornar um militante profissional e você está fazendo ao contrário. Isso não tem nenhum sentido. Você tem que sair da fábrica”. Eu adorei isso, para dizer a verdade. Foi ótimo, não é?

H.B. – Esse é o meu líder!

L.R – Adorei, e ninguém ousou contrariá-lo. Eu acho que houve outras coisas que me... Mas eu não vou entrar nesse detalhes pessoais, porque acabou me empurrando para a fábrica uma espécie de vingança, eu não sei. Bom, mas aí eu parei com isso. Fui para o IV Congresso e voltei novamente a tentar estudar. Quando eu cheguei lá, disseram que eu tinha que pagar tudo que estava devendo. Eu disse: “Mas eu não assisti o curso”. “Ah, não, porque a matrícula é uma só. Nós facilitamos, pagando por mensalidades, mas então o senhor tem que pagar todo o resto, se quiser voltar para cá”. E eles tinham toda a minha documentação, os papéis. Aí eu voltei novamente a pagar no curso pela manhã. Não aguentei e saí outra vez, não sei bem por quê. Acho que houve, no Uruguai, uma outra reunião do Bureau Latino-

Americano e eu saí novamente, larguei o colégio. Na terceira vez, eu encontrei por acaso com um professor de lá, que depois virou professor da Faculdade de Filosofia e foi até reitor da Unesp, o Jorge Nagle, que era um excelente professor... Houve excelentes professores nesse colégio [em] que eu estava – eu acho que chamava... Daqui a pouco eu me lembro. Eu acho que era... Agora me fugiu o nome. Um dos meus professores de Psicologia foi o Joel Martins, que virou reitor da PUC; outro virou um alto técnico, também professor da Faculdade de Psicologia da USP. Então, eram... Eu tive excelentes professores ali, excelentes mesmo, e aprendi muita coisa. Bom, e ele me disse: “Mas você... Vá para a noite. À noite é outra coisa, é uma classe mista, você pode fumar, ninguém fica te enchendo a paciência. Faça à noite”. Aí eu passei a estudar à noite nessa Escola Normal. Fiz dois anos lá e prestei o concurso depois para Ciências Sociais, já burro velho – eu tinha 25 anos. Eu já estava casado. A minha mulher, que morreu há nove anos atrás... oito anos atrás, ela já era formada em Filosofia e já estava trabalhando.

K.K. – Como era o nome dela?

L.R. – Arakcy Martins Rodrigues. Ela fez um livro chamado *Operário, operária*, que eu acho que é o mais conhecido... Ele publicou várias coisas. E os meus amigos, todo mundo já era formado, e eu estava começando. Agora, eu levei uma vantagem com relação aos meus competidores: primeiro, a idade, e outra coisa, eu tinha lido muito. Eu tinha trabalhado um tempo na Difusão Europeia do Livro como revisor de tradução. Eu checava as traduções do francês. Porque essa editora, que pertencia à Livraria Francesa... Tinha uma editora chamada Difusão Europeia do Livro, onde o Fernando Henrique publicou um trabalho, eu publiquei o meu depois, o Albertino... Publicou na coletânea Terra... Terra e Alma? [Corpo e Alma do Brasil] Já me vem o nome da coletânea. Publicou coisas bastante interessantes. Eu deveria me lembrar porque publicou o meu primeiro livro, não é? Mas lá o Monteil fazia um trabalho muito interessante, porque ele dava as traduções para outras pessoas... O Monteil era o dono, um francês. E aí, a tradução vinha e ele pagava para... Eram oito pessoas, quatro duplas: um ficava com o texto em português e lia alto e o outro pegava o texto em francês e acompanhava, para ver se não tinha erro, e corrigia um pouco a tradução e também os erros de ortografia, e depois revertíamos. Eu fazia par com o Bento Prado Jr., que morreu. Sabem quem é. E a minha mulher fazia par com a Lúcia, que era a mulher do Bento Prado. Elas cuidavam da coletânea Clássicos Garnier. E, com isso, eu fui aprimorando um pouco a minha

capacidade de escrever, de corrigir e também o francês. Eu falava mais ou menos...

H.B. – E aonde que você aprendeu o francês?

L.R. – O francês, eu aprendi, por razões políticas, por mim mesmo. Eu tinha tido um excelente professor no clássico, em Santos, um excelente professor de francês. Para ver como os professores são importantes.

H.B. – E foi um ano e pouco, por causa da mudança...

L.R. – É. Então, eu já lia um pouco, com alguma dificuldade. Mas quase todas as publicações – eu aprendi por razões políticas – da Quarta Internacional que chegavam aqui vinham em francês. Era a Quatrième Internationale. Era editado na França. Então, para ler a documentação, eu tinha que saber francês. E eu lia no ônibus e, se eu encontrasse uma palavra que eu não sabia, eu trazia um livrinho e, se ela começava a se repetir, se ela se repetia mais de uma vez, eu anotava para saber o que era, ir ao dicionário, e então, eu fui aprimorando, melhorando o meu francês. Quando o Pierre Frank veio aqui, eu já... E depois, eu fui para a Europa para o congresso, fiquei lá quase dois meses, ou dois meses, e avancei no francês, e quando fui trabalhar na Difusão Europeia do Livro como... Aí eu avancei muito. Tanto é que eu traduzi depois, com o Fernando Henrique, o primeiro volume, mas depois o Fernando não quis mais e eu traduzi sozinho o segundo volume, *O espírito das leis*, do Montesquieu. Então, por causa disso, eu fui avançando no francês. E também no espanhol. O espanhol virou uma língua... Era a língua dominante na América Latina. A cada congresso que tinha, era... Se [*sic*] falava espanhol. E foi criado esse Bureau Latino-Americano e, antes disso, eles mandaram para cá um argentino, como uma espécie de *advisor* do conselheiro do grupo brasileiro, que estava muito enfraquecido com a saída do Saccheta. Então, aí eu melhorei o espanhol também, porque tinha... Tínhamos que falar espanhol, não tinha outro jeito, não é? E eu aprendi o francês assim, um pouco graças a um impulso inicial desse professor e, depois, a circunstância de querer, para poder ler os documentos revolucionários

H.B. – A exigência fez tudo, porque a política foi a sua grande escola.

L.R. – Em certo sentido, foi.

6º Bloco

L.R. – Então, quando eu entrei para a faculdade, eu levei uma grande vantagem com relação aos meus colegas: primeiro, eu era mais velho, eu tinha 25 anos, e eu tinha feito um curso de Estatística no IBGE, e naquela altura, na faculdade, no curso de Ciências Sociais, havia um ano de Matemática e dois anos de Estatística. Depois, quando entrou a influência marxista dialética, eles tiraram, em 68, os cursos de Estatística, que eram bem dados. Foi uma pena, de fato, ter acabado com isso, mas era um curso muito duro, havia uma alta taxa de reprovação, e quando nós... Quando os estudantes, muitos já professores, já eram professores a essa altura, ascenderam, acabamos com o curso de Estatística. Eu era contra aquilo, mas, enfim, a dialética não precisava da Estatística e nem de tabelas. Bom, então, voltando, eu levava uma vantagem, porque eu sabia escrever melhor, eu dominava o francês, um pouco do inglês e o espanhol, e quase tudo vinha em castelhano, não tinha tradução brasileira. A gente lia *As regras do método sociológico* do Durkheim em espanhol, e o Tönnies...

H.B. – O Weber.

L.R. – ...Weber, tudo em espanhol. Então, eu já levava uma vantagem com relação aos meus colegas, que eram bem mais jovens. Outra vantagem é que eu precisava recuperar o tempo perdido, e recuperar urgentemente. Eu já estava com 25 anos, e no primeiro ano da faculdade. A minha mulher e os colegas dela, todo mundo já estava formado e, inclusive, muitos já estavam dando aula na faculdade. Então, eu estudava mais, muito mais. Eu tinha passado em primeiro lugar no vestibular, lá nas Ciências Sociais, e eu já conhecia o Fernando Henrique, mais ou menos o Florestan – eu ia vender jornais trotskistas para o Florestan, então, ele me conhecia – e tinha uma certa experiência... Ah, sim! Eu tinha trabalhado também em uma empresa de pesquisa de mercado e tinha aprendido um pouco, o bastante, como se faz pesquisa. E lá, tudo é rápido, e quando eu vi... A pesquisa, na universidade, é muito lenta. Em uma pesquisa de mercado, eles já estão organizados para trabalhar rápido e você redige rápido. Então, eu aprendi um pouco também com isso. Eu levava uma vantagem com relação aos colegas.

K.K. – E aí você sai do Ministério do Trabalho?

L.R. – Da Secretaria. Eu saí. Eu entrei para a universidade, mas mantive o meu emprego público que, na verdade, era muito tranquilo: eu fazia... Eu tinha sido transferido depois para o Instituto Histórico e Geográfico, e era muito tranquilo: não aparecia ninguém, tinha pouca coisa para fazer, dava para ler lá, e eu aproveitava para ler. De vez em quando aparecia um trabalho ou outro, mas era coisa fácil, para dizer a verdade. E eu pude manter esse emprego e fazer... Eu trabalhei um período no jornal *O Estado de São Paulo*, por uns seis meses, à noite, e ia para a faculdade pela manhã. Mas eu já estava casado. Eu morava perto da Faculdade de Filosofia, ali na Vila Buarque, que era um bairro mais boêmio – agora está totalmente decadente, não é? E quando eu já estava no terceiro ano, o Florestan Fernandes me convidou para integrar um grupo de trabalho que tinha sido criado pelo Fernando Henrique, uma coisa chamada Centro de Sociologia Industrial e do Trabalho [Cesit]. E aí, já vamos passando para a área acadêmica, que interessa. Veio aqui o Touraine, e o Touraine... Antes, passou o Friedmann aqui, que, se não me engano, tinha sido catedrático do Touraine, na hierarquia francesa, *mutatis mutandis*. O Friedmann tinha escrito aquele livro *O trabalho em migalhas, Le travail en miettes*, além de outros. Depois veio o Touraine aqui e fez uma série de conferências sobre organização do trabalho e incentivou a formação do Cesit, o Centro de Sociologia Industrial e do Trabalho, que ficou sob a direção do Fernando Henrique. Eu não era formado, portanto, como professor eu não poderia ser contratado, mas poderia ser como auxiliar de pesquisa, e eu fui como auxiliar de pesquisa para o Cesit.

H.B. – Mas era um centro ligado à universidade?

L.R. – Era um centro ligado à cadeira de Sociologia I, do Florestan. O que aconteceu nesse período, por volta de 60 é que entrou muito dinheiro para a universidade, com o governo Carvalho Pinto, e também tínhamos uns amigos lá, o Sebastião Advíncula e outros, que ajudaram a liberar recursos para a universidade, para projetos de pesquisa. Então, nós ganhamos uma Kombi, ganhamos uma máquina de calcular Facit – naquela época, era caríssima ainda –, aquela de girar à mão e, além disso, houve verba para a contratação de cinco pesquisadores: eu, que tinha acabado de me formar; a Lourdes Sola; o Gabriel Bolaffi,

que tinha sido meu colega no colégio; o José Carlos Pereira, que foi ser professor depois da Unesp, saiu de São Paulo, foi para a Unesp e nós perdemos contato com ele; e o Celso Beisiegel, que virou pró-reitor da USP. Bom, esse foi um primeiro grupo. E o Florestan montou um grande projeto de estudo do Brasil moderno, vamos dizer assim. Então, o Fernando Henrique iria estudar os empresários; o Octavio Ianni... A cadeira, quando eu entrei, a cadeira de Sociologia I, porque existia Sociologia II, a cadeira de Sociologia I, que era chefiada pelo Florestan Fernandes, tinha quatro assistentes: o Fernando Henrique, o Octavio Ianni, a Marialice Mencarini, que morreu muito cedo e fez um trabalho sobre os estudantes, e a Maria Silvia... que estudou, qual era o livro dela? Como é que é? É sobre os trabalhadores livres, não é?! Bem, essa era o grupo... de Carvalho Franco, não é?! E ela tem, eu esqueci o livro dela agora. Bem, esses eram os quatro... era o Florestan e quatro assistentes. O Florestan era o regente da cadeira. O catedrático tinha sido o Bastide, que voltou para a França.

K.K. – ... jornalista. Essa sua passagem pelo Estado, você passou bem rápido pelo O Estado de São Paulo...

L.R. – Porque não foi... Foi um período muito curto. Talvez eu tenha exagerado, falando em seis meses. Pode ter sido até menos. Porque eu entrei lá como foca, mas logo em seguida veio uma oferta para eu ir para a cadeira, um convite para eu ir para cadeira. Aí eu larguei.

H.B. – Isso que eu acho tão interessante, “a cadeira de Sociologia”. Equivale a um departamento quase.

K.K. – É mobilizadora, não é?

H.B. – É muito diferente da experiência universitária do Rio, de organização. Ninguém diz isso, “eu fui lecionar...” Você pode até dizer: “os cursos de Sociologia”. Talvez até por ser no regime de cátedra, porque aí tinha o titular ou o catedrático daquela cadeira.

K.K. – É outro momento.

H.B. – É outro momento. Mas é uma referência muito forte. Você fala da Sociologia I quase

como uma instituição, estruturada...

L.R. – Era. Era sim.

H.B. – Eu acho isso muito bom de a gente recuperar, porque isso é um momento especial de institucionalização que depois foi se perdendo.

L.R. – Então, eu vou especificar um pouco melhor isso. A cadeira, quando eu entrei na faculdade, era o Florestan o grande chefe – era o que tinha obras e tudo, já tinha feito a livre-docência –, era o regente da Sociologia I. Na Sociologia II, estava o Fernando de Azevedo, o velho Fernando de Azevedo, que fez aquele livro *Um trem corre para o Oeste* e tinha trabalhado na área de educação; estava a Maria...

H.B. – E que foi quem indicou o Florestan para a USP.

L.R. – Ah, é? Eu não sabia, ou tinha me esquecido. Estava a Maria Isaura também, a Eva Blay... Essas são as pessoas mais importantes. Então, a cadeira era isso. Aí, houve muita verba e fomos contratados esses cinco aos quais eu fiz referência. E o Florestan, isso está em um livro dele, eu acho que em *Sociologia no Brasil* ou alguma coisa assim, em que ele conta esse desenvolvimento: o Fernando Henrique foi escalado para fazer um estudo sobre os empresários; o Octavio Ianni, para estudar o Estado – saíram publicações a respeito disso –, e cada um de nós que tinha sido contratado naquela altura deveria fazer uma monografia sobre a empresa industrial e, além disso, ou antes disso, mas em continuidade, nós deveríamos fazer um *survey* sobre a indústria paulista. Aí, trabalharíamos todo mundo: a Maria Sylvia, o Fernando Henrique e esses cinco aos quais eu fiz menção. E saiu uma... Eu usei parte desse... dos dados desse *survey* para o meu mestrado, que era sobre a ocorrência de greve em São Paulo. Os outros não conseguiram fazer, eu acho, com exceção do José Carlos Pereira. Talvez faltasse um pouco de experiência de lidar com tabela, porque eles pediram muitas correlações, e você se perde. Eu tinha pedido só: “Houve greve nessa fábrica ou não? Quando? Quais são os anos?” E quando você cruza com outras coisas, aumenta muito. Se você pedir 200 cruzamentos, são 200 tabelas. Você se perde na análise daquilo tudo. Você não consegue fazer, não é?

K.K. – Desculpa. Você estava falando da sua tese de mestrado, que você...

L.R. – É, talvez, por eu já ter trabalhado em uma empresa de pesquisa, ter trabalhado em jornal, ter trabalhado como revisor literário, eu escrevia rápido e eu sabia que não adiantava você pedir tudo quanto é cruzamento que passa pela cabeça porque você não consegue analisar aquilo. Então, eu terminei esse mestrado, e aí vêm as coisas que são interessantes. Eu fui depois para...

K.K. – Em dois anos, não foi?

L.R. – Exatamente, fiz muito rápido. Primeiro, antes de me formar, um ano antes, eu já estava na cadeira trabalhando, então, o material já estava recolhido.

K.K. – Se preparando.

L.R. – Então, eu fiz rápido por causa disso e também por uma outra coisa – esse período foi um período muito agitado politicamente e eu tinha saído da militância, estava cansado da militância e estava atrasado com tudo –, eu não perdi tempo. Porque querendo, você teria reuniões todos os dias e em todas as horas, e eu não ia, ou ia a uma ou outra assembleia que parecia mais importante como massa. Eu não quis me meter outra vez no movimento estudantil. E já não era tão jovem assim. E, por causa disso, fiz muito rapidamente todo o trabalho, porque não quis me movimentar e porque eu já tinha uma experiência profissional em outras atividades que me facilitavam fazer a pesquisa.

H.B. – E isso hoje pode parecer corriqueiro, mas não era absolutamente comum o mestrado em dois anos.

L.R. – Não. Não era, não. As pessoas levavam muito tempo para fazer as coisas. E eu tinha que recuperar o meu tempo perdido. Agora, eu estou dizendo que eu já vim para a faculdade com uma experiência grande. Toda a literatura mais comum da esquerda, eu tinha lido tudo, menos o Stálin. Como trotskista, eu não ia perder muito tempo lendo Stálin, mas Lênin, eu tinha lido quase tudo, e outras coisas também, de interpretação da economia. Então, eu tinha

uma experiência que os outros não tinham. Aí, voltando aos planos “florestânicos” de pesquisa, cada um de nós fazia uma monografia da empresa industrial e o Florestan, no final, fazia a grande...

H.B. – Síntese.

L.R. – ...Fazia a grande síntese. E muita coisa saiu – saiu o livro do Fernando Henrique; o do Octavio Ianni –, mas aí, nas monografias, houve problemas. Eu acho que... Eu fiz a monografia logo... E no dia da minha defesa de tese, o Florestan falou para os outros: “O Leôncio foi o único que fez rápido”. Porque os outros estavam atrasados e não conseguiram fazer, com exceção do José Carlos Pereira. Fez atrás de mim, mas fez.

7º Bloco

L.R. – Agora eu vou falar um pouco da pesquisa e vamos entrar... Vamos passando aos poucos para a área acadêmica. Eu, por ter vindo da esquerda, que tinha certas ideias com relação à classe operária, eu queria ver direito o que era esse proletariado. A classe operária, em princípio, era revolucionária, mas cadê a atuação revolucionária? Eu queria sair da classe operária teórica para a classe operária de carne e osso. E era o momento da segunda, ou terceira, sei lá, vamos dizer, a segunda industrialização de São Paulo, ali na área do ABC, quando as grandes indústrias começaram a se instalar, e eu resolvi estudar uma fábrica de lá, uma fábrica automobilística que era o protótipo do que havia de mais moderno e dinâmico na indústria brasileira. Era a Chrysler naquela altura, que depois virou Ford, mas o nome brasileiro era Willys, Willys-Overland. Havia uma grande parte de capital brasileiro. Se não me equivoco, era 51% de capital brasileiro. É a que fabricava o Jeep, não é? Era o produto de maior sucesso, de modo que era a maior indústria na época, com cerca de 10 mil trabalhadores. E eu quis estudar esse operário da produção em série. Eu já tinha lido alguma coisa sobre isso. O Touraine, quando veio aqui, tinha falado. E eu tinha lido. Eu lia bastante e, inclusive, eu lia com muita facilidade em francês e em espanhol e também, com menos facilidade, em inglês. Mas o inglês não era a grande língua no nosso pedaço; era o francês. Bem, aí fui estudar a Willys, e consegui um acesso à fábrica, graças ao Procópio Camargo, que depois foi diretor do Cebrap e que era uma grande figura. Ele estava trabalhando na

Willys, em um posto ligado à área de Relações Humanas e ele conseguiu, me facilitou a entrada lá e depois me ajudou, quando eu estava lá dentro. Foi bem importante isso. E aí eu fui estudar...

K.K. – Isso é a pesquisa para o doutorado já?

L.R. – Foi a pesquisa para o doutorado. Bem, quando eu cheguei lá...

K.K. – Foi em tempo recorde também, não é?

L.R. – Não, eu não parava, essa que é a verdade.

K.K. – Fez em três anos, não é?

L.R. – E aí, quando eu fui para lá... Nós tínhamos aprendido, na outra pesquisa, sobre a estrutura da empresa em São Paulo, quando nós pegamos uma amostra de 300 empresas – 100 pequenas, 100 médias e 100 grandes, definidas pelo número de empregados... Eu fiz a menção, quando... “Esses cinco foram contratados para...” Nós tínhamos aprendido que era útil chegar nas empresas e pedir logo de cara, imediatamente, um organograma da empresa. E eu repeti a mesma coisa na Willys e o pessoal deu risada: “Não dá para abrir aqui. Vai ocupar a sala inteira”. Quando eu comecei a olhar aquilo, eu falei: “eu não tenho ideia de o que é isso. A tarefa que estão me dando”, que era estudar toda a empresa, “é impossível”. Aí eu voltei e falei: “olha, é melhor pegar um grupo. Vamos estudar os trabalhadores, de maneira a poder ajustar esse projeto com as minhas preocupações sobre a classe operária. Então, eu vou pegar um segmento da classe operária”. Eu estava influenciado também por uma pesquisa do Juarez sobre mobilidade e trabalho no Brasil.

H.B. – O Juarez Brandão Lopes?

L.R. – O Juarez Brandão Lopes. Eu acho que foi o primeiro trabalho de Sociologia do trabalho no Brasil. Não era um trabalho de Sociologia do Sindicalismo, mas era de Sociologia do Trabalho e era um estudo concreto que se tinha. Nós não tínhamos outros

estudos assim. Então, eu imaginei que eu ia estudar os operários. “Eu não vou mais estudar a organização da empresa, os gerentes, regras de trabalho porque é impossível.” E, com isso, eu reduzi bastante o meu universo de preocupação. Batia com o que eu queria: a classe operária, o setor mais moderno que existia. Esse trabalho, o livro depois mostra, revela um pouco uma situação existente naquela altura, que era a grande porcentagem de trabalhadores vindo do setor rural de áreas tradicionais do Brasil. Eram trabalhadores do estado de São Paulo, um pouco, um pouco de Minas, mas na sua grande maioria eram trabalhadores vindos do Nordeste. E o trabalho em série permitia o adestramento das pessoas em quatro ou cinco meses para a realização de tarefas repetitivas. O problema era um problema de adaptação ao mundo do trabalho, mas do ponto de vista técnico propriamente dito, era muito fácil, não é? Mas eu não sei se um professor universitário faria. Eu quis fazer uma experiência de trabalhar como operário – nesse caso, com a aquiescência da direção da fábrica, da empresa –, e eles me deram um trabalho muito fácil, que era...

K.K. – O fazer a pesquisa significava um trabalho de campo...?

L.R. – Não. Antes de começar a fazer... Aplicar questionário...

H.B. – Você quis ter...

L.R. – ...Eu quis ver como que eram as relações de trabalho, falar com os operários, almoçar com eles e aprender... ver direito como era aquilo.

K.K. – Vivenciar aquele cotidiano?

L.R. – Era uma fábrica que hoje... Seria muito diferente da fábrica de... Eu acompanhei depois, em mais duas ocasiões, o trabalho fabril, a transformação, a entrada hoje da automação: tudo automatizado, limpo, não tem óleo, não tem cheiro de óleo, os trabalhadores são impecáveis... É outro mundo, não é? É outro mundo. Bom, mas eu queria ver isso de perto e eles me deram um trabalho fácil, que era pegar uma peça que era quase um parafuso grande... Não era um parafuso, era uma peça comprida e tinha que torneá-la. Então, era fácil: você soltava uma... Trabalhava com manivela, tirava, abria, punha uma peça, apertava outra

vez e depois, com o pé, você acionava a máquina e em cerca de um minuto aquela peça estava terminada e você repetia a mesma coisa, para tirar a peça e pôr em um balaio que estava ali. De vez em quando você controlava se o trabalho estava dentro da margem de erro. Você tinha uma régua para medir se não estava... Se tivesse havido algum desajustamento, você chamava alguém para ajustar novamente a máquina. E tinha uma cota de produção por dia que eu nunca consegui atingir.

H.B. – O que já era um dado bom para a pesquisa.

L.R. – Era um dado bom para a pesquisa. Na verdade, tinha uma... Um dos grandes problemas era que tinha que ficar em pé, nove horas em pé, e era insuportável. No final do terceiro ou quarto dia, eu estava liquidado completamente. Eu ficava andando por ali, porque eu não aguentava ficar parado.

K.K. – Isso durou quanto tempo?

L.R. – Ah, isso não durou mais do que uma semana porque eu não aguentei mais.

K.K. – E era uma prática de orientação do Florestan que os seus orientandos, alunos, pesquisadores fizessem esse tipo de coisa? Ou era uma iniciativa sua?

L.R. – Era uma iniciativa minha. Agora, na verdade, embora isso não seja muito politicamente ou cientificamente correto, não se deve dizer, o Florestan não orientava nada. O Florestan nunca orientou ninguém. Essa história do Florestan como um grande chefe de grupo que orientava não é verdade. Isso foi um mito construído depois. O Florestan sabia escolher os seus assistentes e sabia obrigar as pessoas a trabalharem. Você vê que o grupo dele produziu bastante. O Octavio Ianni e o Fernando Henrique produziram muito. Depois, o Luiz Pereira também, veio e produziu. Todo mundo: o Martins, eu... Porque o Martins também foi para o mesmo grupo.

H.B. – O José de Souza Martins?

L.R. – O José de Souza Martins. O pessoal produziu. E tinha que produzir com o Florestan, não é? Agora, isso de o Florestan chegar... A primeira vez que eu fui... tive acesso à fábrica e conversei com um dos diretores... “Não, não tem problema, vamos acertar. O senhor fala lá com o professor Procópio...” Porque uma fábrica é muito grande, é burocratizada, eles perdem o controle do que está acontecendo. Ele disse: “Você procura o professor Procópio Camargo e acertar tudo com ele”. Foi assim. Quando isso foi feito, eu voltei, para dizer ao Florestan, contente. Eu vim lá de São Bernardo para dizer: “Olha, professor, eu consegui acesso à fábrica”, e ele não estava nada interessado. Eu comecei a falar e ele disse: “Vamos descer para tomar um café”, e aí, foi conversando de outros assuntos e não estava nada interessado. Então, o Florestan... Primeiro, o Florestan não entendia de estatística, então... E nem todos nós. Não trabalhávamos com muita estatística, apesar de termos o curso de Estatística lá. O que o Florestan fazia, e isso era importante, quando você terminava o trabalho, você entregava a ele e aí ele lia com muita atenção. E eu me lembro que tinha uma caneta de tinta roxa que era a marca do Florestan que ele anotava tudo. Ele anotava tudo. Agora, ele não perdia o tempo dele com... Talvez ele achasse o seguinte... Hoje, depois, mais velho, na posição dele, eu acho que ele tinha alguma razão, embora eu não faça a mesma coisa. Eu já orientei muita gente e já ajudei muito. O Florestan não fazia isto. Talvez ele dissesse: “Eu tenho coisa mais importante. Se ele for capaz, ele escreve; se não for, azar”. E aí, você entregava o trabalho e ele lia, discutia, discordava. Com a Maria Sylvia, ele teve uma briga tão grande que se ouvia lá de baixo. Um dia, eu estava entrando na universidade, a sala era no segundo andar lá da Maria Antonia e eu ouvi os gritos dos dois, berrando um com o outro.

H.B. – Ela também gritava?

L.R. – Ah, gritava. E aí ela acabou saindo da cadeira. E o Florestan falou: “Está bem, você defende, tudo bem, mas eu vou criticar, eu vou argüir” Porque normalmente o orientador não argüi, não é? E foi o que aconteceu. A Maria Sylvia se saiu muito bem. Ele deu 10 para ela.

K.K. – Ele não dava 10 para todo mundo?

L.R. – Do pedaço dele, eu acho que todos ganharam 10 ali, dos que fizeram: eu... Mas era

um pessoal... Tinha o Gabriel Cohn; o Martins, o José de Souza Martins, o Fernando Henrique e tal. Era um pessoal qualificado. Agora eu não sei se, hoje, se o Florestan não tinha razão. Cada um que se vire, não é? Mas ele anotava. Eu tenho a satisfação de... No meu caso, ele praticamente não mexeu, a não ser no final da tese, porque ele achou que... O Florestan foi ficando meio de esquerda, não é? Ele achou que a minha tese não concluía por um proletariado revolucionário. Ao contrário, eles estavam bem adaptados, gostavam da empresa e estavam subindo na vida. O trabalho fabril não era um declínio social, era uma ascensão, porque era uma classe operária que tinha vindo de condições de trabalho e de vida lamentáveis, não é? E você trabalhar em uma grande empresa, com almoço garantido, férias, salários bem mais altos... Depois eu voltei a fazer um estudo da própria Ford – dessa vez, pedido pela Ford e com acesso a um monte de coisa –, por exemplo, na fábrica do Ipiranga, que eram os trabalhadores mais qualificados, os ferramenteiros, todos tinham automóvel, e na outra fábrica, a lá de São Bernardo, mais ou menos a metade já tinham automóvel.

H.B. – Essa conclusão te surpreendia? Eu estou ligando essa pesquisa sua à sua experiência anterior, de militância.

L.R. – Não. Na verdade, não me surpreendia. Eu, se uma qualidade eu tinha...

H.B. – Você não tinha conflito com isso.

L.R. – Não, não tinha. Na verdade, eu tinha um certo senso de realidade. Eu dizia: “O nosso grupo trotskista basicamente é um grupo de classe média, de jovens de classe média”. O pouco de contato que eu tinha tido com trabalhadores, eu não via nada daquela coisa revolucionária. Quando eu fui para a universidade, eu já não estava acreditando muito nessa história do proletariado. E, ademais, eu acho que um mérito que eu tive nas pesquisas foi não ser muito provinciano. Eu lia muito... Eu tratava de ler a literatura de fora e eu já tinha começado a ler muito sobre a Sociologia do sindicalismo e Sociologia industrial. Se vocês pegarem o meu primeiro livro, o primeiro capítulo era uma análise sobre... um pouco sobre o que tinha acontecido...

K.K. – *O Trabalhadores, sindicatos e industrialização?*

L.R. – Não, não. É no primeiro. Como é que chama?

H.B. – Porque o primeiro que a gente tem aqui é o de 74.

L.R. – Ah, não. Tem muito mais.

H.B. – Pois é.

L.R. – Foi o meu primeiro livro. Como é que chama aquilo? Eu mudei o nome para a publicação comercial. Daqui a pouco eu me lembro.

K.K. – Então, um pouquinho antes disso...

L.R. – Era a Difusão Europeia do Livro. Foi publicado por lá.

K.K. – Um pouquinho antes disso, tem o golpe de 64...

L.R. – Eu vou chegar aí.

K.K. – ...que é no meio desse término do mestrado, não é isso? Como é que vocês viveram essa...?

L.R. – Pois é. Agora eu vou chegar a esse ponto. Nesse livro, eu tinha lido uns trabalhos do Dahrendorf, do Galbraith, Aron e outros e eu já não estava mais acreditando na... Foi uma decepção? Foi uma surpresa? Não. Eu estava achando já que tinha... que a classe operária concreta não era revolucionária coisa alguma; o conflito... Ah! O livro chamava-se Sindicalismo e conflito industrial no Brasil.

H.B. – Eu sabia que tinha sindicalismo.

L.R. – Então, havia uma tendência para a institucionalização do conflito. E, por causa disso, eu fui criticado por alguns colegas meus, embora fosse... Ninguém dizia se era verdade ou

não. Era que você não deveria dizer as coisas. Podia ser verdade, mas não era de bom-tom, não era politicamente correto você dizer essas coisas, sobretudo citar o Aron, citar o Galbraith, o Dahrendorf, que tinha escrito um trabalho importante sobre o conflito industrial. Então, não se poderia dizer que o conflito estava institucionalizado, sobretudo... Mas era incrível isso no Brasil, onde o conflito está totalmente institucionalizado pelo modelo corporativo estatal: juízes de trabalho, a legislação e tudo. Mas você não deveria dizer essas coisas, tanto é que fui logo criticado pelo Emir Sader. Bem, então, eu já não... Para mim, não foi uma surpresa. E, voltando ao livro dos trabalhadores na fábrica, o Florestan disse: “Ih, mas isso aí... Você tem que dar um pouco de esperança. E você termina assim, que eles gostam do emprego?” Eu falei: “Olha, professor, foi o que eu encontrei. Agora, como é que vai ser?” Ele falou: “Você tem que dar uma palavra de esperança”. Eu falei: “Olha, o senhor vai me desculpar, eu não consigo escrever isso”. E ele ainda disse: “O senhor permite que eu... Você permite que...” Eu o chamava de senhor e... O Fernando Henrique até hoje chama o Florestan de senhor. Chamava de senhor, mesmo quando presidente. Aí eu falei: “Se o senhor...” Ele me perguntou se podia escrever, ou eu falei. “Olha, se o senhor quiser, o senhor põe alguma coisa aí, não tem importância. Encerra nisso”. Aí ele pegou lá e pôs uma palavra assim... Que deslumbrava um pouquinho de esperança na capacidade revolucionária da classe operária.

H.B. – Mas ficou no seu texto?

L.R. – Ficou. Eu não... Eu falei para ele: “O senhor escreve. Eu não vou mais mexer”. Não afetava nada o trabalho. Era muito pouco. De um certo ponto de vista político, não era muito mau para mim porque eu já sabia que vinha... A banca veio furiosamente em cima de mim, o Luiz Pereira, aquela que tem... que agora está nos Estados Unidos, escreveu um livro sobre a escravidão... Agora está me faltando uma série de nomes.

H.B. – Emília Viotti.

L.R. – A Emília Viotti. Ela quase me massacra. Faltou só jogar a tese em cima de mim. Depois, acabaram dando 10, mas vieram... Inclusive, por causa da metodologia: tinha muita tabela, e essas coisas não...

H.B. – Isso também não ficava bem?

L.R. – Não ficava bem.

8º Bloco

L.R. – Há um dado que pouca gente sabe. Na época do Jânio Quadros, quando o Jânio foi eleito para a prefeitura de São Paulo – era a primeira eleição que havia... O Jânio tinha sido vereador, depois deputado estadual, e de grande prestígio, mas já meio demagógico e estava em um partido muito pequeno naquela altura, que era o PDC. Nós percebemos ali que havia um grande clima de... Era a primeira eleição e, naqueles últimos dez anos, São Paulo tinha crescido absurdamente e, em torno da cidade, tinha uma população recém-chegada a São Paulo, recém-chegada à cidade e tinha uma posição contrária ao *status quo*, se você quisesse. Todos os partidos, naquela altura, ficaram com medo do Jânio e se coligaram em torno de um candidato chamado Cardoso. Todos os partidos. Depois, com receio do Jânio, eles ainda acertaram com o Partidão – consta que deram um bom dinheiro para o Partidão – de lançar o André Nunes Jr. pelo PTB.

H.B. – Quem?

L.R. – O André Nunes Jr. Ele era, ao que consta também, é o que os jornais falavam, dono de uma rede de farmácias. Seria uma aliança com a burguesia nacional, em termos do Partidão. Mas, na verdade, a intenção era desviar votos do Jânio, mas não conseguiram desviar. E o entusiasmo pelo Jânio foi incrível. E aí aconteceu uma coisa curiosa. Um dos nossos companheiros, que era uma pessoa de bom senso e esperto *pra* danar, pouco ideologizado, percebeu o clima favorável entre o eleitorado paulistano de uma candidatura de oposição. Ele quis, no Partido Socialista, nos quais a gente estava sempre mais ou menos infiltrado, lançar o Cid Franco, que era um dos únicos deputados estaduais do Partido Socialista, que era eleito, não por ser socialista, mas por ser espírita e ter um programa de rádio e que era um deputado muito honesto e muito competente – ele foi cassado depois pelos militares. Mas o Cid Franco não quis, com medo talvez de perder, eu não sei. Ele não

quis. Então, houve um acordo para lançar o Jânio. E nós, trotskistas... O Partidão estava com o André Nunes Jr, e nós fomos com o Jânio. Ai... Agora que eu vejo, com mais experiência, o que é a política. Mas naquele tempo, nós éramos ingênuos. Mas eles nos deram um automóvel com um alto-falante, uma coluna em um jornal popular da época, onde eu escrevia as maiores loucuras e era publicado, e nós íamos para os bairros em um carro cheio de cartazes do Jânio, distribuindo o emblema da vassourinha e do tostão, do “tostão contra o milhão”, e aquilo parava, todo mundo corria para os carros e nós fazíamos os nossos discursos revolucionários. E inventamos também a criação da União Operária e Popular (UOP), para, teoricamente, para apoiar o Jânio, mas para reunir gente nos bairros periféricos, onde nós pudéssemos ter acesso às massas. E aquilo começou... surgiu assim, aos montes. Eram tantas que nós resolvemos, com as nossas poucas forças, nos concentrar em algumas, não nos dispersar. Acabada a eleição... Ninguém estava interessado no trotskismo, todo mundo estava interessado era no Jânio, e nós tentamos manter algumas, com reuniões. Eu dava assistência a uma dessas UOP, e a pessoa influente ali, o cabo eleitoral dali era alguém ligado a uma Igreja Messiânica, a uma Igreja Protestante, de um setor de protestante aí qualquer, e eu, idiotamente, querendo doutrinar o fulano, comecei a defender o ateísmo e tudo e, imediatamente, ele se irritou. E depois, eu não sei quem... Eu fui denunciado para a polícia e ele me disse: “Olha, a polícia esteve aqui em minha casa, você, por favor, não apareça mais aqui porque eles já me ameaçaram de prender e estão à sua procura”, e acabou essa experiência. E o Jânio depois foi apresentando uma outra trajetória. Mas teve um prestígio enorme e espontâneo. Uma vez, eu estava na avenida São João vendo os últimos resultados – a contagem de votos demorava brutalmente...

K.K. – Em que ano era isso?

L.R. – Foi em 53 ou 54. Não. O Jânio foi eleito em 52, a primeira eleição, não é? Acho que foi em 52. Então, eu estava vendo aquilo quando saiu um dos últimos resultados, com uma avalanche de votos favoráveis ao Jânio, e as pessoas que estavam vendo esse cartaz lá foram tomadas de um entusiasmo tal que organizaram uma passeata, sem líder, sem nada – ninguém sabia para onde ia –, com vassouras na mão e todo mundo pulando, “Jânio! Jânio! Jânio!” E foi uma coisa absolutamente espontânea. Uma vez, nós saímos também para pregar uns cartazes do Jânio, o grupo trotskista, e fomos para um bairro muito longe, fabril, que tinha

uma fábrica imensa que ocupava um quarteirão inteiro, e só tinha uma luz em um canto, e nós estávamos lá pregando cartazes do Jânio, e com algumas coisas nossas também, quando nós vimos um grupo que estava também pregando cartazes e vinha em uma outra direção. E tinha havido muita briga entre partidários do Jânio e outros, e nós dissemos a um companheiro: “Vai ver de que lado... Para quem eles estão pregando cartazes”. Porque estávamos com medo. Havia um dado momento que a gente ia se encontrar. Ele foi lá e disse: “Nada. Eles estão pregando para o Cardoso”. E nós; “puxa vida! E agora? Esse deserto, às duas da manhã aqui...” Aí, chegamos perto, eram uns negros, visivelmente de classe baixa, e nós todos de classe média, e aí adotamos um ar simpático: “Oi, companheiro, como vai?” Aí eles perguntaram para quem nós estávamos pregando cartaz, nós estávamos para o Jânio. “E vocês?” “Para o Cardoso. E quanto que vocês estão cobrando? Quanto que estão pagando?” E nós dissemos: “Nós estamos trabalhando de graça”. Eles olharam para nós assim, com uma cara... Tontos! Mas aí disseram: “É para o Jânio?” Eu falei: “É para o Jânio”. “Então, nos dêem uns cartazes que nós vamos passar a pregar daqui para lá para o Jânio também”. E nós ficamos entusiasmados, mas achávamos que podia ser mentira. Mas era melhor não discutir muito e fingir que acreditávamos, e demos os cartazes para eles e eles foram. Na volta, nós passamos por lá e eles tinham enchido de cartazes do Jânio, tal o prestígio do Jânio naquela altura, o que explica que ele, em seguida, foi eleito governador e, em seguida, presidente da República, e com uma penetração enorme entre os trabalhadores da CMTC [Companhia Municipal de Transportes Coletivos].

K.K. – Tudo isso começou porque a Helena perguntou se era uma surpresa o resultado da sua pesquisa.

9º Bloco

Bom, agora, voltando à história do golpe, eu estava trabalhando... Não estava dando aula, eu estava no Cesit que, nessa altura, não estava localizado dentro do prédio da Maria Antônia, onde estava a cadeira de Sociologia I. A cadeira de Sociologia I estava no segundo andar e tínhamos ali a sala do Florestan e mais duas salas que eram dos professores. Era uma instalação muito modesta. E o Cesit estava em uma outra casa. E eu trabalhava no Cesit e o Fernando Henrique era o diretor. No Cesit, estava a Lourdes Sola, o Martins, o Gabriel Cohn

etc. O que aconteceu em 64? A cadeira de Sociologia tinha bastante iniciativa para inventar coisas novas. Os cursos geralmente eram cursos anuais, quando o Florestan, ou a cadeira decidiu que deveríamos passar a ter cursos semestrais e houve um curso então... O Fernando Henrique ganhou um curso que era sobre as sociedades industriais e o Octavio ganhou um outro curso. O Octavio daria o 1º semestre e depois viria o Fernando Henrique. Isso foi em 64. O Octavio deu a sua parte, mas veio o golpe. Então, em 64, no 2º semestre... Mas o Fernando foi embora. Ele teve problemas com o Exército, me parece que ele foi procurado, ele se escondeu... Até nos escondemos juntos – vê se pode? –, no Guarujá, eu e o Fernando Henrique. Nós éramos muito amigos. Então, nos escondemos no Guarujá, em um apartamento belíssimo de um industrial. Eu não vou citar o nome dele. Um belo apartamento! E nós, lá de cima, ficávamos nervosos, porque tinha... A gente via lá embaixo patrulhas do Exército controlando os automóveis e pedindo documento. E nós lá. E íamos para a praia depois, para disfarçar, e não tinha ninguém, só nós dois. Aí decidimos voltar para São Paulo, porque não aguentávamos ficar lá sem ter notícias e...

H.B. – Isolados.

L.R. – ...E isolados, não é? Mas o Fernando depois resolve ir para o Chile.

K.K. – Mas essa motivação para se esconder era por conta da Sociologia ou por conta dessa militância?

L.R. – Não, porque... De fato, misturava as duas coisas. Havia professores que tinham uma militância mais ativa... Os que estavam mais envolvidos estavam clandestinos e a polícia não sabia, as forças de repressão não sabiam. Agora, havia aqueles que tinha posições políticas de tipo... Consideradas esquerdistas. É o caso do Florestan Fernandes. E o Fernando Henrique também, embora... O Fernando tinha sido do Partidão.

K.K. – Já não era mais?

L.R. – Não era mais. Mas eles talvez não soubessem. E o Fernando sempre foi bastante moderado, mesmo quando estava no Partidão. Ele estava em um grupo intelectual, ele não

fazia militância.

K.K. – O Grupo de Estudos de *O capital* já existia nessa época?

L.R. – Já. Já existia. Então... Eu não sei como vinham as informações, mas, na cadeira, o Octavio Ianni, que foi também cassado, o Fernando, o Florestan e outros professores. Eu acho que, junto com a UFRJ, foi um dos setores onde mais gente foi cassada, não é? Bom, o Fernando já tinha estado no Chile... Eu fui com ele, trabalhando com ele, ou para ele, para a Argentina, de onde saiu um livro do Fernando sobre os empresários na América Latina, e eu fui com ele para entrevistar empresários. Nós ficamos um mês lá na Argentina trabalhando. E nisso, ele foi ao Chile.

K.K. – Em 64?

L.R. – Foi antes de 64. Nós fomos... Em que ano o Kennedy foi morto? Em 61, não é?

H.B. – Em 63.

L.R. – Em 63. Eu me lembro disso porque nós estávamos nos preparando para a viagem quando vimos a notícia da morte do Kennedy. Então, em 63, nós fomos para a Argentina e o Fernando aproveitou para dar um pulo, ter uma conversa com o Instituto Latino-Americano, que era dirigido pelo Don José Medina Echevarría, que tinha ajudado na tradução das obras do Max Weber e era um velho... Era um espanhol refugiado no Chile. Bem, o Don Medina ficou encantado com o Fernando e queria que o Fernando voltasse para o Chile, aceitasse um cargo lá, no Ilpes, eu acho, o Instituto de Pesquisas Econômicas e Sociais [Instituto Latino-Americano de Planejamento Econômico e Social], ou algo assim. E na primeira vez, quando veio a oferta, o Fernando não aceitou e indicou o Weffort e o Weffort foi então nesse lugar que deveria ser do Fernando. Bom, quando vieram as cassações aqui, esse lugar já estava ocupado pelo Weffort. O Weffort foi logo depois do golpe. Ele já estava até pronto para viajar, já estava de passaporte, tudo prontinho para ir para o Chile. Aí, o Fernando voltou para o Chile, fugiu e foi para o Chile, e foi convidado então para ocupar um cargo até superior àquele que ele iria se tivesse ido naquela ocasião. E o Fernando não

quis, porque ele estava querendo competir pela cátedra de Ciência Política. Bom, voltando agora à história dos mestrados: a situação ficou difícil, nós não sabíamos o que ia acontecer, o Florestan e nós também achávamos, corria um boato que os cursos de Sociologia seriam fechados e então, na verdade, a cadeira tratou até de facilitar o título de mestrado para todo mundo que estava fazendo tese. Acho que a única que estava totalmente terminada era a minha. Os outros estavam ainda em fase de realização. Na verdade, naquela altura, ninguém foi cassado. Ninguém. O Fernando não quis voltar, já estava no Chile, mas não houve cassação. O Florestan continuou onde estava e depois fez o concurso dele para titular, porque ele não era, e ficou titular da cadeira de Sociologia I. Agora, vem aí 68, e nós tivemos um período muito agitado. O Fernando estava no Chile, foi convidado para ir para a França, para dar um curso lá, e resolveu...

K.K. – Antes de 68, tem a criação do Cebrap.

L.R. – Não, o Cebrap é depois.

K.K. – É? É em 69. Desculpa.

L.R. – Aí o Fernando resolve voltar para o Brasil para disputar a cadeira do Lourival, que tinha morrido. E aí vem algo que está muito ligado à estrutura da universidade: a cátedra era vitalícia e era muito difícil você criar uma nova cátedra. Tinha que passar, se não estou equivocado, por várias instâncias: o departamento, a congregação, o conselho universitário e, se não me engano, pela Assembleia Legislativa do estado. Então, criar uma cátedra era uma coisa muito, muito difícil. O Fernando, é óbvio, tinha ambições, não é? E a cátedra de Sociologia I estava vazia, mas quem ia disputar era o Florestan, porque ele era regente de cátedra. Mas, logo em seguida, veio... O Lourival Gomes Machado, que era o catedrático da cadeira de Política – naquela altura se chamava assim –, ele morreu subitamente e a cadeira ficou sem catedrático e, portanto, ficou livre para a competição. [Mais adiante, o entrevistado corrige esse fato] O Fernando se preparava para competir por essa cadeira e a Paula Beiguelman também. A Paula Beiguelman era da própria cadeira de Política, mas o Fernando estava vindo pela Sociologia. O Florestan tinha planos de se estender mais, estender a sua influência. Então, com o apoio dele, o Fernando iria disputar. O Octavio Ianni vai disputar a

cadeira de Sociologia II. O velho Fernando de Azevedo se aposentou. Então, o Fernando se aposenta – o Fernando Henrique ia competir, desiste, vai para o Chile – e vai o Octavio, e ele perde para o Ruy Coelho, mas na cadeira de Sociologia. O Ruy Coelho levava uma vantagem com relação ao Octavio Ianni: ele já era livre-docente e o Octavio Ianni não era, embora o Octavio tivesse mais obras publicadas do que o Ruy Coelho. Tinha mais prestígio, mas não era livre-docente. Então, lá foi o Octavio competir nessa situação desvantajosa, mas ele acabou perdendo para o Ruy Coelho por três votos a dois. Na verdade, ele não disputou, porque ele fugiu, ele foi para o E o que aconteceu? A cadeira ficou sem ninguém para competir e o Florestan então indicou o Octavio. E a cadeira de Política tinha um concorrente interno que era o Ruy Coelho, que era da cadeira. Desculpe, eu acho que eu dei uma informação equivocada. Então, o Ruy Coelho era da cadeira de Sociologia II. A referência...

K.K. – [Inaudível] Paula.

L.R. – A da Paula é quatro anos depois, mas na cadeira de Política. Quatro anos depois mais ou menos, a Paula... O Lourival Gomes Machado morre. Mas ele estava em Veneza. Ele morreu lá. Ele trabalhava na Unesco. Estava trabalhando na Unesco lá. Aí a cadeira ficou vazia. E era uma cadeira fácil de disputar, na verdade, porque a Paula não tinha muita obra, era mulher, e isso conta, e talvez... E, não sei em que medida isso contava, era judia. Mas não sei em que medida isso teria realmente um peso, não é? E ela não era muito hábil politicamente. E o Fernando resolve... Volta para o Brasil para concorrer. E ela teria que enfrentar uma barra pesadíssima, porque o Fernando era muito competente e com muita obra e muita coisa. Todo mundo conhece o Fernando, ele chega a presidente da República. Enfrentar o Fernando não era muito fácil. Mas ela enfrenta. Ela vai... Mas ela perde. Perde para o Fernando. E aí, não quis mais ficar na cadeira e se transferiu para História. Mas era uma cadeira fácil de ser disputada, vamos dizer. Era uma cátedra fácil de ser ganha. Foi o último concurso de cátedra na faculdade, e ela foi feita em meio a uma agitação violenta – tinha havido aquele conflito na Maria Antônia com os alunos do Mackenzie –, então, o clima não era muito bom. O Fernando fez a defesa e, no meio... A Maria Antônia estava fechada, depois da briga, de um começo de incêndio, e nós estávamos alojados precariamente no prédio da História. Bem, então, o Fernando concorreu e ganhou, mas ele não ficou muito tempo, porque aí veio o AI-5 e o Fernando... Todo mundo, a Paula, o Octavio, o Fernando,

o Florestan, o reitor, todo mundo foi cassado. Agora, como é que eu entro nessa história? Quando o Fernando foi embora para o Chile, em 64, ele tinha a segunda parte do programa dele que não tinha sido dado. E quem ia dar esse curso? Eu era a pessoa que, segundo o julgamento do Florestan, que estaria mais capacitada para dar esse curso, então, o Florestan me perguntou se eu não queria dar o curso no lugar do Fernando Henrique. E foi o que aconteceu. E eu assumi esse curso. E o Fernando não voltou, a não ser depois, em 68, mas não ficou muito tempo, ele foi cassado. Mas aí vem o negócio do Cebrap. O Fernando não saiu do Brasil, ele ficou e resolveu, junto com... O Fernando realmente foi o pioneiro desta iniciativa, não é? Ele, junto com outros que tinham sido cassados também, o Paul Singer, a Elza Berquó, esse grupo resolveu criar o Cebrap, por uma verba dada pela Fundação Ford que foi, de fato, negociada pelo Fernando Henrique. E aí surgiu o Cebrap. E eu fiquei na faculdade, embora tivesse muitas relações com o Cebrap, tivesse participado da fundação e continuasse no conselho. Mas eu não era... Eu não recebia nada do Cebrap. Eu era da Faculdade de Filosofia, da USP.

H.B. – Quer dizer, desse grupo original, você é que se manteve na universidade.

L.R. – Todo mundo, a não ser... Nós não éramos muito conhecidos, na verdade. Eu tive um pequeno problema com os militares, fui chamado a prestar alguns esclarecimentos sobre o meu passado e fiquei um dia lá, semidetido, vamos dizer assim, e depois me mandaram embora e não me amolaram mais. Eu já tinha sido preso no Rio e tinha um processo. Eu fui preso... Fui agarrado no Rio de Janeiro e fiquei lá uns dez dias preso, e depois, com um *habeas-corpus*, eu fui liberado e tive um processo, que também acabou sendo engavetado.

K.K. – Isso na época da...?

L.R. – Na época que eu militava. De todo jeito, o Gabriel Cohn, eu, a Lourdes, nós não éramos pessoas tão importantes e tão... como o Florestan, o Fernando, o Octavio, que eram pessoas mais visíveis. E eu fiz uma análise depois de por que algumas pessoas eram cassadas ou punidas e outras não. Então, eram algumas variáveis. Uma delas era a instituição. Se você estivesse em uma instituição “muito quente”, entre aspas, você já estava em um lugar meio ruim. A segunda coisa era a posição institucional dentro desta instituição. Se você fosse um

funcionário muito reles, eles esqueciam, você nem era notado. Agora, se estivesse em uma posição importante, você já ficava marcado. E, finalmente, a última variável era o seu efetivo grau de comprometimento. Se você tivesse uma militância muito ativa e os órgãos de segurança tivessem percebido isso, você teria mais chance de ser punido. Porque muita gente não entendia. “Por que o fulano foi e eu não fui?” Mas depende disso. No caso ali, eles estavam em uma cadeira que era muito visível, na Faculdade de Filosofia e tinham posições importantes, tinham obras. De fato, a militância era nula. Ninguém era um militante. O Florestan de vez em quando ia a um comício de estudantes, ia a uma passeata, mas ele não era um militante. Ele não estava ligado a grupo nenhum. Nem o Fernando Henrique, nem o Octavio, nem a Paula. Ninguém estava ligado a um grupo. Era mais pela visibilidade deles. E às vezes, por você ter um inimigo lá que te dedava, não é? Bom, mas nós ficamos tranquilos lá, na medida do possível.

K.K. – Você continuou dando aula então? A partir desse semestre...

L.R. – Continuamos. Todo mundo continuou dando aula e eu também. Aí já passei para a cadeira. Saí do Cesit e fui para a cadeira. Com a saída do Fernando, o Luiz Pereira assumiu o Cesit. Não, eu... Quem é que assumiu? Acho que fui eu K.K. – Está aqui coordenador do Cesit em 63 e 64.

L.R. – Depois eu assumi a direção do Cesit. Agora eu estou na dúvida se eu assumi... Ah, não. Aí aconteceu o seguinte, quando o Fernando foi embora, foi o Luiz Pereira...

K.K. – Diretor do Cesit a partir de 67, está aqui.

L.R. – Pois é. O Luiz Pereira assumiu. Depois, ele não quis mais ficar e eu assumi. Foi isso.

10º Bloco

H.B. – Mas eu queria te fazer uma pergunta mais geral. Você fez parte da universidade em dois momentos importantes e razoavelmente distintos, quer dizer, um que se orientava pelo regime de cátedra e a reforma de 68, que altera esse formato. Eu queria um pouco a sua

avaliação sobre o impacto dessa reforma sobre essa estrutura de organização acadêmica e intelectual. Você percebe isso?

L.R. – Eu acho que, de um modo geral, a alteração feita pelos militares na época do regime militar, nesse aspecto, ela foi muito bem-aceita, porque parte do movimento que ocorreu anteriormente, parte da mobilização, inclusive de vários professores, eu inclusive, eram favoráveis ao fim da cátedra. Nós tendíamos, hoje eu acho erradamente, a atribuir à cátedra todos os males da universidade. A cátedra era a culpada de tudo. E uma vez adotando um sistema mais moderno e mais dinâmico, que seria o departamento, os males estariam automaticamente suprimidos. Hoje eu modero essa análise, porque a mudança que ocorreu fez com que o departamento... Eu vou falar só da minha experiência do setor da Faculdade de Filosofia. Eu não sei como é no Direito ou na Medicina. Então, em razão dessa mudança, o departamento ficou sem chefia. Porque ninguém mais quer ser... O cargo de diretor virou uma coisa burocrática. Os professores que produzem mais não querem a chefia do departamento, porque é chato. O diretor do departamento... Nenhuma instituição pode funcionar desse jeito. O diretor do departamento não tem força nenhuma: ele não pode punir os professores, ele não decide salário, ele não decide os cursos que o professor vai dar, não distribui a carga horária. Então, é um diretor fraco e, para conseguir alguma coisa, ele funciona como uma espécie de corretor de... De despachante dos professores. Há algumas pessoas que aceitam e gostam de fazer ou ter essas funções porque acham que é uma coisa importante. Alguém tem que fazer. Porque é uma estrutura que nós não temos um diretor burocrático, administrativo. Isso tudo cai para os professores, não é? Então, eu acho que, desse ponto de vista, não houve um progresso...

H.B. – Acadêmico.

L.R. – ...Acadêmico. Como é que era a cátedra? Quando você tinha um bom catedrático... Vamos dizer, o caso do Florestan, que era um bom catedrático: ele produzia, escrevia e punha a gente para trabalhar, e quem não trabalhasse, fora. E eu não vou citar nomes, mas ele dava um jeito de afastar. As coisas funcionavam. Quando você marcava uma reunião, não tinha de você não ir à reunião. Depois, [inaudível], a gente marcava reunião e ninguém vinha, cada um... Um trabalhava no Cebrap também, outro trabalhava no Cedec, outro trabalhava no

Idesp, outro trabalhava não sei aonde, instituições nas quais eles dedicavam o melhor de si. Tinha uma estrutura na nossa cadeira. E eu acho que, de um modo geral, os catedráticos eram bons: era o Schaden, na área de Antropologia; o Lourival, na Política; o Fernando de Azevedo, na de Sociologia II. Aquilo funcionava. Eu depois fui coordenador do Grupo de Ciência Política e era um inferno. Você marcava as reuniões... Você só trabalhava para os outros. Agora... Vem outro problema, não é? Catedráticos ruins escolhem maus professores... Mas eu não tenho mais essa ilusão. Se você me pergunta, “como que vamos fazer?” Eu não sei. Eu acho que é uma cultura que vai se instalando, os professores usam um pouco a estrutura da universidade, as coisas são mais burocráticas, houve um excesso de democratização (a meu ver) que concorre para rebaixar o nível. A congregação – quando eu fui para a congregação – era uma coisa fechada: somente os catedráticos, os titulares, representantes das categorias (um representante dos alunos, um dos funcionários, que nunca ia), aquilo funcionava assim, na pouca gente. Houve uma concentração de poder. Mas o poder oferecia vantagens. A partir de determinado momento, a universidade se politizou enormemente, algumas facções dos professores se aliam com os alunos, os funcionários, e as coisas ficam mais complicadas.

H.B. – Teve uma expansão muito grande nos nos 70...

L.R. – Agora tem outro problema, que você citou: ela se massificou.

11º Bloco

K.K. – Dentro da tua formação, da tua história, passado, presente, você citaria uma obra que foi decisiva na tua trajetória?

L.R. – Uma obra? É difícil dizer talvez uma obra. Porque a gente vai inclusive mudando com o tempo, não é? A primeira obra que realmente teve um impacto muito grande quando eu tinha 16 anos foi o *Manifesto comunista*, claro. Eu achava que era uma chave que dava interpretação para tudo, uma chave-mestra que abre todas as portas da compreensão. O mundo teria se iluminado para mim. Depois eu comecei a achar que eu não estava tão

iluminado assim e que, ao contrário...

H.B. – Não era uma chave tão completa.

L.R. – ...Não era uma chave tão completa e que as coisas eram mais complicadas, inclusive porque não batiam com muitos dados. Mas foi uma obra que teve um impacto bastante grande. *O 18 Brumário* também. Eu vou deixar de lado algumas obras do Trotski que hoje... Depois você vai mudando o juízo, mas *A revolução traída*, do Trotski, teve um impacto grande. Já na faculdade, você vai tendo certos impactos. A obra de Durkheim, *As regras do método sociológico*, também teve um impacto grande sobre mim.

H.B. – Sobre a maneira de pensar a Ciência Social?

L.R. – A maneira de... descobrir o social. Então, foi importante. Depois vai... As obras vão mudando, não é? Em um dado momento, quando eu li o Dahrendorf, eu fiquei impressionado com as colocações dele, e depois, quando eu li...

K.K. – Qual título em particular, você lembra ?

L.R. – Do Dahrendorf? É algo com um nome como *O conflito industrial na sociedade moderna* ou alguma coisa assim. [*As classes e seus conflitos na sociedade industrial*]. E depois, quando eu li o Aron, *Dezoito lições sobre a sociedade industrial*, que me marcou bastante. Eu acho que eu estou esquecendo coisas importantes.

H.B. – Essas preferências alteravam a relação...?

L.R. – Ah, o Tocqueville também, uma coisa que me marcou bastante.

K.K. – E você traduziu o Tocqueville, não é?

L.R. – Não, eu traduzi o Montesquieu.

K.K. – Ah, o Montesquieu.

L.R. – Mas, na verdade, não teve um impacto sobre mim, porque tradução é uma coisa muito mecânica. É a pior coisa do mundo. Eu não recomendo a ninguém querer ganhar algum dinheiro traduzindo, mesmo na época do computador. E eu tinha muita prática a essa altura, quando eu peguei o Montesquieu, de traduzir, e batia à máquina até razoavelmente. Mas façam um cálculo: você traduz, em uma hora, no máximo, quatro páginas. Se você não parar. Se você não encontrar um problema e se você não parar. Depois você tem que descobrir o problema, tem que fazer uma revisão do que você traduziu... Olha, um inferno! Passa um, dois anos... No seu momento de folga, você tem que traduzir. Mas, não, o Montesquieu, eu traduzia mais ou menos mecanicamente. Agora, os livros vão mudando, não é? Você vai mudando. Depois que eu passei para a Ciência Política, eu passei a me interessar por outro tipo de trabalho. Um trabalho que eu gostei muito de ler, acho que é uma referência em geral, é o trabalho do Panebianco, *Modelos de partido*, e do lado brasileiro, são os clássicos: o Gilberto Freyre, o Sérgio Buarque, que são obras que têm...

H.B. – Interpretações, não é?

L.R. – É, são interpretações do Brasil que tiveram um peso na minha vida. Acho que na de todo mundo, na de todo cientista político.

K.K. – Se você citaria, nessa trajetória, um personagem que foi marcante. Assim como as obras que a gente perguntou, em relação aos personagens que...

L.R. – Ah, eu acho que, seguramente, o Fernando Henrique e a Ruth. Primeiro, pelo apoio que eles me deram. A Ruth porque ela me disse: “Vá fazer Ciências Sociais”, então, foi decisivo. E o Fernando... Não tanto pelas ideias teóricas do Fernando, porque eu não acompanhava inteiramente. O Fernando, em um dado momento, embora de um modo moderado e não esquemático, ele se aproximava de certas análises marxistas. O *Capitalismo e escravidão*, a introdução é bem uma coisa misturada entre marxismo e Sartre, que estava na moda na ocasião. Então, não de uma maneira mecânica, ou mecanicista, como se costuma dizer, o Fernando era um pouco influenciado por essas correntes marxistas: a ideia da

totalidade pelas... Isso eu não... O Grupo do *O capital*, eu fui admitido – eu ainda era aluno – por uma deferência, mas depois eu não quis participar mais, porque eu achava... Eu não acreditava mais naquilo. Eu dizia: “Isso é uma bobagem. Por que não se estuda o capitalismo moderno? Por que não se estuda o socialismo real? Para ficar estudando o capitalismo do século XIX, como se aquilo lá permitisse de fato entender o que está se passando agora. A lei do valor, veja o petróleo, que dirige o mundo, ele sobe e desce, o que tem o negócio da lei do valor? Alguém consegue calcular o valor de alguma coisa? Ninguém consegue calcular nada.” Então, eu não levava a sério isso, achava uma perda de tempo enorme. Mas eles discutiam ali as minúcias: um tinha um livro em alemão, outro acompanhava a tradução em inglês, outro era em francês, outro em espanhol, para ver, “aqui o Marx disse isso...” Quer dizer, eu achava uma bobagem completa. Mas, voltando ali ao caso do Fernando, ele teve influência, primeiro, pelas oportunidades que me deram, de várias maneiras, e segundo, pela amizade. Mas não é só isso. Eu acho que o Fernando me influenciava por um estilo dele de ser, de...

H.B. – De liderança?

L.R. – ...De liderança, de saber se movimentar. O Fernando tinha muita iniciativa, que eu não tinha. Eu nunca tive nenhuma iniciativa. Eu era... O Fernando formava grupos, o Cesit, o Cebrap, e imediatamente ele sabia agrupar as pessoas. O Fernando era um político. Sempre foi. Eu dizia: “Fernando, você é um *homo politicus*”. Então, esse lado, não é que ele supria, porque ele não fornecia nada, mas era algo que eu não tinha. Eu sei que eu não tenho. Eu nunca tive uma posição de comando na universidade. Eu fiquei, no começo, como coordenador do Grupo de Ciência Política, antes da criação do departamento, porque não tinha outra alternativa. Eu nunca disputei nada, nenhum posto. Eu só disputei uma vez a diretoria da Fapesp porque o Fava, que era o antigo diretor, me pôs numa lista de lá, mas eu não... Eu nunca me interessei realmente por essas coisas. Eu não estou dizendo que seja uma qualidade ou um defeito, eu sou assim, não é?

H.B. – É um traço. E isso...?

L.R. – E o Fernando era o contrário disso tudo. O Fernando convive com muita gente, ele

tem uma bússola capaz de perceber as grandes saídas, as grandes tiradas. Ele percebe essa coisa. E ele vê também as coisas de poder. O Fernando, ele transige, ele ajeita as coisas, ele é moderado, é moderno, ele tem uma visão... Os últimos escritos dele de trabalho, ele está pensando o que está se passando no mundo. E vai, conversa com muita gente. Eu não, eu não tenho nenhuma vocação para isso.

12º Bloco

H.B. – Essa passagem sua de Sociologia para Política foi uma passagem consciente? Ou foi uma...?

L.R. – Foi consciente, e eu gosto disso. Houve um impulso inicial, porque... Eu vinha um pouco do marxismo, e eu sempre tive uma certa preocupação com, primeiro, ver a política como uma atividade que envolve pessoas. A ideia de que as instituições têm gente atrás, têm grupos de interesses e pessoas interessadas. As instituições em si não escrevem nada. Você tem uma nova legislação eleitoral porque têm grupos que estão interessados naquilo e têm outros que estão querendo impedir. Então, a política é um campo de força que envolve atores concretos. Para imitar o Sergio Miceli, é de carne e osso. E quando eu fiz... O Boris Fausto... Primeiro foi o Sérgio Buarque, que estava organizando aquela coletânea pela Difel, que é a antiga Difusão Europeia do Livro, a *História da civilização brasileira*, e ele me pediu que escrevesse um trabalho sobre o Partido Comunista e eu escrevi um sobre o sindicalismo e outro sobre o Partido Comunista. E eu quis... me interessava saber quem era essa gente, de onde se recrutavam os militantes do Partido Comunista. Obviamente, as fontes de recrutamento mudaram com o tempo. Então, ficou um trabalho que atentava para... Era um pouco sociológico e, ao mesmo tempo, político. Eu não estava muito interessado na ideologia do partido, mas nas fontes de recrutamento social. Foi uma primeira preocupação, mas eu mesmo não tomei muita consciência desse fato. Mais tarde, eu quis estudar a Constituinte, quem eram os Constituintes. Assim, de carne e osso. Eu consegui aplicar um questionário que pegou 93% dos membros da Constituinte. Deputados só. Eu deixei de lado os senadores. E eu consegui isso graças... Na época, eu tinha uma boa relação com o *Jornal da Tarde* e conversando com eles, eles disseram... Apareceu essa ideia, se

eu não queria fazer uma pesquisa. Porque eles estavam pensando também em ganhar dinheiro, em vender.

H.B. – O *Quem é quem*.

L.R. – O *Quem é quem*. Um título aliás que depois aquele Maksoud não gostou muito. Ele tinha a reserva do nome Quem é quem. E eu não gostei desse nome. Foi o *Jornal da Tarde* que deu. E queriam fazer muito rapidamente, e eu falei: “Mas é difícil encontrar os deputados”. E ele disse: “Não, nós temos cobertura lá e os deputados sempre atendem muito os jornalistas”. Então, eu fiz rapidamente um questionário, não muito grande – porque se fosse muito grande, ninguém iria responder –, e me concentrei um pouco nisso, quem era essa... de onde tinham vindo esses deputados. Então, foi uma primeira preocupação que depois acabou vindo e eu passei para o campo da Ciência Política. Então, eu fui... Agora, houve uma... De um lado, eu estava me interessando pela Ciência Política. Eu já estava cansado de estudar sindicalismo. Eu tinha feito... escrito vários livros – o último foi *Destino do sindicalismo*, que é um trabalho bastante grande, me deu um trabalho monumental, foi um esforço imenso de coletar dados e entrar na seara que é o campo de caça fechado dos pesquisadores do Primeiro Mundo. Um pesquisador do Terceiro Mundo não tem nada que querer analisar o sindicalismo dos países desenvolvidos. Há uma divisão de trabalho aí que o Terceiro Mundo analisa os aspectos adjetivos – o capitalismo *no Brasil*, o sindicalismo *no Brasil*, e assim vai – e o Primeiro Mundo estuda o sindicalismo substantivo. A parte adjetiva é para nós. E eu rompi com isso. E eu acho que ficou um bom trabalho, mas eu não sou realmente o juiz disso. Mas foi um esforço enorme e que eu pude em parte fazer porque eu estava em Genebra, em uma reunião da OIT. Então, eu fui aos arquivos e à biblioteca e lá saquei muitos documentos para depois trabalhar aqui no Brasil. Mas foi um esforço muito grande. Mas, com isso, eu me cansei de estudar sindicalismo e comecei a querer estudar partidos políticos, os atores políticos. E coincidiu que nesse momento deu um conflito na área de Sociologia e a cadeira de Sociologia, que era dirigida pelo Weffort, estava muito enfraquecida, pela cassação de várias pessoas. Eu me desentendi com a Sociologia, como também a Ruth Cardoso e a Eunice se desentenderam na Antropologia, e passamos para a área de Sociologia [área de Política]. Eu fiz uma reconversão pra valer: eu parei de ler sobre o sindicalismo e comecei a ler sobre política.

H.B. – Para a área de Política.

K.K. – Para a área de Ciência Política.

L.R. – Ah, desculpe, sobre política.

K.K. – E a Ruth também acabou entrando para...

L.R. – Também. Eu, da Sociologia, e ela e a Eunice, da Antropologia. E o Weffort acolheu também, muito generosamente, porque não tinha gente.

K.K. – Isso em 74/75?

L.R. – Agora eu não me lembro exatamente. Eu diria que...

H.B. – Eu acho que depois, porque a Constituinte é de 80 já.

L.R. – Não, eu já estava lá.

K.K. – Não, mas ele está como professor adjunto de Ciência Política, coordenador...

L.R. – Quando é o concurso? Quando eu fiz o concurso, eu já estava...

H.B. – Ah, está aqui: em 75.

L.R. – Quando eu fiz o concurso de adjunto, eu já estava na Ciência Política, eu acho.

K.K. – Livre-docente em...

L.R. – Em Sociologia.

H.B. – Em 72.

K.K. – ...Em Sociologia.

L.R. – Ainda fiz lá.

K.K. – Depois passa a coordenar a área de Ciência Política, em 74.

L.R. – Pois é, foi isso aí.

K.K. – A fonte aqui é o seu currículo que você nos mandou.

L.R. – Não, está mais ou menos certo porque eu tenho lá e olhei. Bom, então, aí eu fui para a...

K.K. – Ciência Política.

L.R. – ...Ciência Política.

K.K. – Essa... Desculpe perguntar, eu sei que você não quer entrar na questão pessoal, mas essa divergência com a Sociologia era uma divergência em termos da concepção do curso de Ciências Sociais ou era uma divergência pessoal?

L.R. – Mais ou menos. Qual era a coisa meio complicada lá? Eu, desde que entrei para a faculdade, eu não me considerava marxista, então... E justamente... Depois do golpe militar, nunca o marxismo cresceu tanto na universidade. A partir, digamos, do... E eu acho que o Grupo do *O capital*, os seminários do *O capital*, teve uma responsabilidade nesse sentido. Mas as coisas não foram só no Brasil; apareceu um marxismo universitário, como eu dizia. O marxismo era alguma coisa fora da academia. Todos os principais teóricos do marxismo estavam ligados ao movimento operário. Não eram professores de universidade. A partir de um dado momento, o marxismo foi indo para dentro das universidades, e ele ia até saindo do movimento sindical. À medida que o sindicato crescia e se institucionalizava e se burocratizava, o marxismo foi saindo e entrou... O marxismo que é uma criação da

intelectualidade, de um tipo específico de intelectual, virou depois, nos últimos tempos, um marxismo acadêmico. Eu citava isso até como uma maneira de irritar o outro lado. Mas eu não era... Mas ao mesmo tempo, com relação a um outro grupo que estava lá, era um pessoal que não tinha militado, nunca tinha sido preso, não conhecia a classe operária, não participava de nada. Mas eram marxistas. Apareciam como esquerda.

K.K. – Isso, tanto na Sociologia quanto na Antropologia?

L.R. – Na Antropologia não. Na Antropologia foi mais um problema...

K.K. – [Inaudível].

L.R. – Eu vou chutar: foi mais um problema das relações Ruth e Eunice com relação ao chefe do departamento. Foi mais ou menos isso. Não entrava essa coisa de... Porque nem a Ruth nem a Eunice eram marxistas nem queriam fazer uma Antropologia marxista, nem o outro lado também. Aí foi uma coisa pessoal. Agora, na Sociologia não. Na Sociologia tinha um grupo que era, teoricamente, de esquerda, e eles achavam que eu era de direita porque eu não era marxista. Bom, então, o Weffort não deu bola para isso. Por incrível que pareça, apesar de estar no PT e ser secretário do PT, ele não levava isso muito a sério e sempre tivemos boas relações. E por outro lado, eu compreendia um pouco o pessoal porque, embora eu não fosse marxista, eu tinha posições que... Não podiam dizer que eu era de direita. Complicava um pouco, não é? E pelo meu tipo de participação, de relações de amizade que eles não tinham: eu conhecia a chefia sindical e uma porção de coisas, não é? Então, eu entendo que a minha situação era um pouco...

H.B. – Complicava um pouco.

L.R. – ...Ambígua lá dentro, de classificação. Mas um grupo achava isso. Pelo menos àquela altura. Agora eles não acham mais. Mas eu não tinha boas relações com o Luiz Pereira – nunca chegamos a um conflito maior, mas não tínhamos boas relações – e eu já estava querendo ir para a Política. Então, foi um momento. Eu aproveitei. Ah, e também tinha uma outra coisa: quando o Cebrap surge, houve um grupo da faculdade que virou contra o Cebrap,

era contra, dizia que o Cebrap era de direita, que tinha aceitado auxílio dos americanos. Então, eles eram muito críticos com relação ao Cebrap. Eu acho que o grupo de São Paulo, a faculdade, a intelectualidade de São Paulo tinha, agora já não tem tanto, um viés muito provinciano. É complicado, porque um lado era meio cosmopolita, era institucionalizada, e nós tínhamos a USP, que contava com a Fapesp. Nós não precisávamos do governo federal. A Fapesp se supria até em melhores condições, de uma maneira mais organizada, com mais verbas. Você podia confiar na Fapesp. Nós não precisávamos da Capes nem do CNPq. Ao mesmo tempo, nós tínhamos poucas relações com a intelectualidade de outros... do Rio e de outros estados brasileiros, como que se São Paulo se bastasse a si mesma. E tinham posições também diferentes. Bem... Por que eu entrei nisso aí mesmo?

K.K. – Não, a gente estava...

H.B. – Essa passagem.

K.K. – Essa passagem. Mas eu queria aproveitar então essa pausa para fazer uma outra pergunta que a gente está fazendo para todos os entrevistados que é...

L.R. – Ah, sim, com relação ao Cebrap. O pessoal de São Paulo, ali do departamento e da faculdade, olhou com desconfiança o Cebrap. Porque o Cebrap era bem mais universal: o Fernando Henrique acolheu um bando de gente, veio gente de outros lugares do Brasil para lá – veio o Bolívar Lamounier, o Carlos Estevam Martins e outros.

13º Bloco

H.B. – Mas eu queria te fazer uma pergunta. Você, ficou mais claro para mim agora, você tem uma avaliação sua como um intelectual que tem essa diferença e, por circunstâncias, uma pessoal e outra acadêmica, você pode pensar na sua relação com a política pelos dois lados. Quer dizer, como é que foi a sua relação com o governo Fernando Henrique, essa conexão de intelectual com o poder, e a sua visão agora, como um especialista em sindicatos e em movimento sindical, com um ex-sindicalista no poder. Essa relação de intelectual com o poder foi uma relação mais tranquila? É uma relação que foi tensa?

L.R. – Foi tranquila porque eu não tive nenhuma, nada, nada, nada. O Fernando Henrique, no primeiro governo, me indicou como representante do governo brasileiro na OIT – mas ele já estava no governo há um certo tempo –, e eu fiquei muito contente, porque eu achava que era uma questão de sindicalismo e me dava uma viagem para a Europa umas três vezes por ano – viagens curtas porque eu não tinha muita paciência de ficar lá mais do que um mês –, pelo menos três viagens curtas para a Europa, eu podia passar por Paris e eles ainda me pagavam aquilo. Só que eu fui uma única vez e pedi demissão. Era chatíssimo aquilo, uma coisa burocrática, não se discutia sindicalismo nem nada, burocratas de tudo quanto é lado, burocratas do lado do sindicato e burocratas do lado governamental. Eu seria o burocrata do lado governamental. Então, eu fiquei um mês lá e foi um dos períodos mais sofridos da minha vida. As reuniões começavam às dez da manhã e iam até às oito da noite, e quando você chegava no hotel, tinha mais documentos para você examinar. E muita gente não ia, mas eu não tinha coragem de não cumprir o meu dever de ir lá. Porque não tinha controle. Era um salão enorme, como se fosse uma assembleia imensa, então, não há controle, mas eu não era capaz de não ir, não é?

H.B. – De estar lá e não ir.

L.R. – E eu acho que era até desnecessário nomear isso porque tem lá uma missão brasileira e tem um embaixador que se ocupa disso, e as questões relevantes são tratadas nos bastidores, e eu não sabia nada. Eles discutiam lá, os embaixadores, e não era discutido em plenário, que era totalmente dominado pelos Estados Unidos, França,

Alemanha, Inglaterra. Então, eu saí imediatamente e fui para o Conselho Deliberativo do CNPq, mas eu fui eleito pela comunidade. E eu não me candidatei a nada. Foi o Flávio Pierucci junto com o Renato Janine, que já estava lá, que fizeram pressão para eu aceitar. E aí, fui para o conselho também. Eu não era representante... O governo pode indicar, mas eu não fui. Eu fui como... Eleito. E também fiquei um ano... dois anos e saí. Um mandato e saí. Foi útil para mim, mas eu não tenho paciência para aguentar... Tem gente que faz carreira nisso. Eu acho que é importante. Eu não sou contra, eu não critico ninguém, mas têm outros que não dão.

K.K. – O que é que você mais gosta de fazer na vida acadêmica e intelectual?

L.R. – Ah, eu gosto de escrever, essa é a verdade. Eu gosto de fazer pesquisa. E eu não tenho paciência... Primeiro, eu não gosto de pessoas do poder. Eu tenho um certo distanciamento com relação ao poder. Eu poderia ter todas...

H.B. – Por isso que eu estou perguntando, porque o Fernando Henrique vem...

L.R. – É, eu não gosto. Eu acho que não dá para fazer as duas coisas juntas. O poder... Ou você é intelectual ou não é. Porque em princípio – na prática não é bem isso –, o intelectual ou o pesquisador está procurando ver o que é. Em princípio, você não está orientado ou influenciado por metas de poder. O político é outro... A meta do político é o poder. E eu acho que, desse ponto de vista, é importante... O Fernando... Eu fico encantado e surpreso porque ele tem isso, que eu não tenho. Às vezes, estávamos juntos, ele dizia: “Leôncio, você não quer ir ver fulano lá e tal?” Eu dizia: “Não, Fernando, eu não quero”. Eu não gosto e não tenho paciência disso. O Fernando tem, veste e aguenta as coisas. Ele tem, eu diria, uma paciência enorme, e vi várias vezes... O político tem que fazer isso, tem que receber gente e fala, ouve, finge que está interessado.

K.K. – Você está, no momento, fazendo uma pesquisa específica, Leôncio?

L.R. – Eu estou sim. Mas a verdade é que, com a idade, ela vai mais devagar. Eu fiz um estudo...

K.K. – É difícil de acreditar, vendo esse ritmo que você...

L.R. – É verdade. Eu tenho um primeiro estudo sobre... Nessa área, depois que eu escrevi os trabalhos sobre... *o Destino do sindicalismo*, eu fiz um estudo sobre a composição da Câmara de Deputados eleita em 98, e eu estava interessado em saber... Eu peguei as... Isso entra numa matéria que é...

K.K. – Eu tenho também o *Mudanças na classe política brasileira*.

L.R. – Foi a continuação desse. Porque eu... Aí eu estou tentando dar uma resposta a uma discussão que existe na Ciência Política e, de um modo geral, em Ciências Sociais. Os partidos políticos brasileiros têm algum peso, representam alguma coisa? Ou não têm? Você vai desde as críticas mais violentas, que o sistema partidário brasileiro é uma geleia indistinta, e uma outra percepção, que os partidos têm alguma... são diferentes. Eu achava que são, que nunca... Não se podia dizer que o PT era igual ao PFL, ou que o PMDB não é igual ao PP. Então, eu quis ver se do ponto de vista... Não programático, mas do ponto de vista das fontes de recrutamento, existia alguma diferença. Então, eu peguei a Câmara de Deputados, por razões óbvias: tem muita gente, vem gente de todo o Brasil etc. Aí, o que eu encontrei? Que são diferentes. Você não tem sindicalistas e trabalhadores, nem muitos professores no PFL. Não tem nenhum. Naquela altura, tinha um, que era o Medeiros, que entrou para o PFL de oportunismo. Agora o Lula o nomeou para a Secretaria do Ministério do Trabalho, mas, enfim. Se fosse ao PT, não tinha um empresário naquela altura, e se fosse aos partidos de...

K.K. – Naquela altura.

L.R. – É. Se fosse, digamos, ao PP, a quantidade de empresários era muito grande e não tem quase professor, a não ser professor...

K.K. – No PP?

L.R. – Do PP. Bom, então, havia uma diferença. Nos partidos ditos de centro, o PSDB e o PMDB, você tinha já alguns empresários – ex-empresários ou empresários, porque você pode continuar –, alguns ex-professores, mas ainda não tinha sindicalista nem trabalhador manual. Então, desse ponto de vista, há uma diferença bastante grande. Então, esse é o livro. Eu fiz uma... Eu procurei fazer uma espécie de Sociologia Política. E a mesma coisa com o segundo livro. Porque aí.... Porque essa Câmara tinha sido eleita sob a influência da vitória do Fernando Henrique e tinha um peso grande do PSDB, embora o PT viesse crescendo. A outra pesquisa já foi feita na época da ascensão do Lula e eu quis ver o que tinha mudado na composição dos partidos. Na verdade, não mudou quase nada, a não ser no PPS. Alguns partidos cresceram ou diminuíram, mas a composição social continuou mais ou menos a

mesma. Então, é uma continuação de uma preocupação que eu tive que já aparecia no estudo do Partido Comunista, da composição do Partido Comunista entre 22, que é a criação dele, até 64; que apareceu no *Quem é quem na Constituinte*, esse nome terrível que o *Jornal da Tarde* deu – – quando eu vi, já estava impresso...

H.B. – Quem são os constituintes.

L.R. – Eles queriam vender. Nem sei se venderam ou não.

K.K. – E esse que, basicamente, pega a base eleita junto com o Lula, em 2004... em 2002.

L.R. – E agora, o que eu estou pensando? Há uma preocupação e eu estou refletindo sobre as mudanças que aconteceram na classe política, e a minha tese é que houve uma ascensão dos ex-plebeus – eu uso esse termo. Setores das camadas de classe média ascenderam, e são representados pelos sindicalistas – dez por cento mais ou menos da Câmara, muitos no governo –, são representados pelos pastores de igrejas pentecostais, que é um pessoal que veio de classe baixa e um pessoal que depois enriqueceu, tiveram o patrimônio aumentado. Claramente, a entrada na classe política é uma via de ascensão social, e legítima na maioria das vezes, quando não roubam. Bom, então, essa é a minha preocupação hoje.

[FIM DA 1º ENTREVISTA]

2º Entrevista: 20/10/2011

Helena Bomeny – Leôncio, muitíssimo obrigada por nos receber uma vez mais e eu gostaria de saber se você pode nos contar, agora, sobre as suas pesquisas mais recentes, os seus interesses mais recentes e, depois, vamos para o tema central da sua...

L.R. – Bom, inicialmente, é um prazer estar, aqui, com você falando novamente sobre os trabalhos e retomando a entrevista que eu havia começado a dar a cerca de dois anos atrás. O que mudou, basicamente, desde então? É que eu, cujos primeiros trabalhos eram sobre sindicatos de trabalhadores, abandonei essa área e comecei a trabalhar sobre partidos políticos, eleições, mas não dentro de uma perspectiva estritamente de Ciência Política, mas de uma

sociologia política – porque eu vim da Sociologia. Eu fiz mestrado, doutorado e livre docência na área da Sociologia e, depois, eu fiz adjunção e a titulação na área da Ciência Política. Eu saí do departamento de Sociologia e fui para a Ciência Política. Mas essa transferência se liga com uma preocupação anterior à minha, que era me preocupar em uma análise dos... Quem eram as pessoas que participavam da política. Quem eram do ponto de vista social, de onde se recrutavam os militantes e as lideranças políticas – de que seguimentos sociais, eu quero dizer. Em parte, isso veio a partir de um estudo que eu fiz sobre o Partido Comunista Brasileiro e saiu publicado na História Geral da Civilização Brasileira, dirigida pelo professor Boris Fausto. Então, eu tenho um trabalho lá sobre o Partido Comunista, mas, na verdade, o nome era o *PCB, os militantes e a ideologia*. Eu queria saber quais eram os seguimentos sociais que forneciam mais quadros e mais militantes... Na verdade, mais dirigentes, não é? Para o Partido Comunista. Porque, ao longo do tempo, há uma alteração no recrutamento. Eu não vou entrar em muitos detalhes disso, senão nós nos afastaremos demais. Se for o caso, depois, você me cobra e eu volto a isso.

H.B. – Há alguma ligação com a sua experiência com a pesquisa dos sindicatos?

L.R. – Não. No momento, eu não tinha... Começou assim: na verdade, é que o Boris Fausto me pediu que escrevesse alguma coisa sobre... Era o período era de 1930 a 1964 sobre as transformações no sindicalismo brasileiro. Analisando essas mudanças, eu encontrei o PCB. Não só o getulismo e o PTB, mas eu encontrei o Partido Comunista. Então, eu fiquei interessado em investigar mais e acabei fazendo dois capítulos – aliás, grandes, sobretudo o do PCB ficou bastante grande -, um sobre o sindicalismo e o outro sobre o Partido Comunista Brasileiro. Mas não focalizando... Claro que há referência, mas eu não focalizava basicamente a política do Partidão, eu estava interessado nos dirigentes. Então... Que houve um período... Na formação, tinham alguns intelectuais de boa família, o Otávio Brandão, Astrogildo Pereira, etc. E anarquistas e artesãos. Alguns estrangeiros. Depois, vieram os militares, muitos intelectuais, e tinha um recrutamento dos judeus, bastante; e famílias tradicionais declinantes. E na década de 1930, por causa da influência do Prestes, vieram muitos militares e, depois, uma certa intelectualidade. Mas a intelectualidade não teve um papel importante na máquina do partido, a máquina – a organização partidária – não teve muitos intelectuais. Bom, então você veja que havia uma... Houve, assim, uma transição. Depois, eu passei a... Os meus dois últimos livros foram sobre os partidos políticos, mas já agora, a cá mais especificamente sobre a Câmara dos Deputados, quem eram esses políticos finalmente. Eu me guiava por uma

interrogação básica: a percepção que a opinião pública, os intelectuais e os pesquisadores têm dos nossos partidos é a pior possível. [risos] Não é preciso dizer, porque todas as pesquisas de opinião pública mostram isso. A ideia, durante um longo período, era os partidos brasileiros são a mesma geleia geral. Há muitos indicadores nessa direção e dá a impressão de que, realmente, é tudo, exatamente, a mesma coisa. Mas eu achava que não eram a mesma coisa. Apesar de condutas, às vezes, muito próximas, equivalentes nos lados negativos que possuíam, eles não eram a mesma coisa... Os atores não eram os mesmos. E eu partia de uma indagação muito simples: pegando dois extremos, o PFL não era igual ao PT. Mesmo que esses dois partidos, [riso] um desapareceu e o PT tenha mudado, eles não eram a mesma coisa. Então, essa ideia de que os partidos brasileiros eram, exatamente, a mesma coisa não batia. Mas eu queria encontrar evidências mais fortes sobre isso, e selecionei os seis principais partidos, na Câmara dos Deputados, e fiz uma análise de quem eram esses deputados – em termos de renda, profissão, ocupação, etc. Não curiosamente, mas... Mais ou menos, eu já esperava isso, a gente sempre espera certas coisas das pesquisas, não é? Você não tinha empresários no PT – mas nenhum empresário, nessa altura – e o PT já tinha uma bancada, mais ou menos, forte. E por outro lado, o PFL não tinha nenhum sindicalista, a não ser o Medeiros. Bom, então, já aí, havia uma diferença enorme nas fontes de recrutamento. Certamente, o PT recrutava na classe mais baixa e o PFL recrutava na classe mais alta. A mesma coisa era válida, nesse momento, para o PP do Paulo Maluf. O Partido Progressista só tinha empresário, alta proporção de empresários. Os partidos nunca recrutam, como nós sabemos, só de um segmento social, porque não poderiam ganhar as eleições nessa base. Eles diversificam um pouco, mas essa diversificação tem um limite. O número de empresários, na verdade, na bancada do PT – pelos meus dados – aumentou ligeiramente. Mas...

H.B. – Depois do governo...

L.R. – Com o tempo... Depois do governo Lula. Porque os políticos percebem que certas legendas não são compensatórias e migram, oportunamente, para outros que eles acreditam que deem mais chance. Bom, isso é um processo geral porque eles querem ganhar as eleições. Não gastam dinheiro, tempo e esforço para perder eleições. Se o eleitorado vai numa direção e se os ventos sopram num dado modo, eles tratam de...

H.B. – Se ajustam, não é?

L.R. – De se ajustar. Bem, então eu encontrei esse dado bastante forte, que ali existia uma diferença social significativa das fontes sociais de recrutamento dos políticos; e os políticos do

PT e PC do B, em certa medida, recrutavam mais nas camadas baixas – mais de camadas médias-baixas. Nunca são... Gente muito pobre não consegue se eleger.

H.B. – Nem chega, não é?

L.R. – Nem chega. E sobretudo, no setor sindical. Bem, depois dessa pesquisa que pegou a Câmara eleita, em 1998, eu fiz um novo estudo da que foi eleita, em 2002, quando o Lula venceu e o PT aumentou muito a sua cotação. Eu voltei a estudar aí, novamente, a composição dos partidos, e eu notava o que eu chamava uma mudança na composição social da classe política brasileira. Uma mudança em direção ao que eu chamei de uma popularização da classe política, e saiu um livro, também, sobre isso – um se chamava *Mudanças na Classe Política Brasileira* e o outro se chamava... Como é que se chamava? *Partidos, Ideologia e...* Qualquer outra coisa. Eu, agora, estou no meio de uma pesquisa sobre o mesmo assunto, mas pegando a composição da Câmara que foi eleita, em outubro de 2010 – a 54^a, se eu não estou equivocado. Então, em meio a esse estudo, analisando a renda dos... Porque, hoje, tem uma coisa que facilita esses estudos: hoje, os deputados são obrigados a declarar o patrimônio e... Alguns não declaram – dezenove, mais ou menos, não declararam nada e há alguns casos que têm visíveis fraudes ou...

H.B. – Omissão, não é?

L.R. – Omissões significativas. Mas eu acho que, de modo geral, eles não podem...

H.B. – É um caminho.

L.R. – Alterar ou fraudar, excessivamente, nos seus patrimônios; e porque, de todo jeito, você tem uma lista dos que são muito ricos.? E tem uma lista até dos que são pobres, que têm menos de cinquenta mil, que declaram menos de cinquenta mil de patrimônio. O Fernando Rodrigues, o jornalista da Folha, fez um livro muito importante sobre os políticos brasileiros com muitos dados, e fez um blog, também, sobre isso. Então, facilitou você buscar dados, não é?

H.B. – Essa identificação.

L.R. – É a aérea que eu estou, agora, trabalhando. Então, eu não estou mais mexendo na área sindical. Se bem que eu encontrei os sindicalistas ao analisar a bancada do PT. Era a mesma coisa de sempre. Hoje, na Câmara, são mais ou menos, sessenta ou sessenta e um sindicalistas. Quer dizer, visivelmente... Aí, nós poderíamos passar um pouco, indiretamente, para a área sindical - que eu não estou mais estudando - mas é visível que o sindicato é uma via de ascensão política. Você ser presidente de uma central sindical é um passo para, depois, ser eleito deputado já para a Câmara Federal já na primeira eleição – caso do Lula, do Jair Meneguelli,

do Medeiros e de outros. Do Vicentinho, não é? Então, se você é presidente de um sindicato importante... Não precisa ser uma central, mas um sindicato forte – metalúrgicos, bancários, professores, médicos, etc. Como esse lá de Ribeirão Preto, que ficou envolvido nas medidas de corrupções. Qual é o nome dele mesmo? Me fugiu agora. Eu ando mais esquecido. Você sabe, foi posto para fora do governo da Dilma.

H.B. – É.

L.R. – Como é o nome dele mesmo? Ele começou a carreira em Ribeirão Preto e era presidente do sindicato dos médicos.

H.B. – Isso.

L.R. – Ele era um sindicalista. Daqui a pouco eu lembro o nome dele, é um nome italiano.

H.B. – Se não vier a gente completa.

L.R. – É. Daqui a pouco vem. Então, o sindicato é, seguramente, uma via de ascensão para os setores das classes médias. Agora, qual é a grande... A mudança, não é? Então, reforça tendências anteriores. No Senado também, todos os cinco senadores do PT que estão lá eram dos sindicatos. As mulheres também. Então o sindicato é, seguramente, uma escada de entrada na classe política de setores de classe média que não tem muito dinheiro para sustentar uma campanha.

H.B. – Você acha que isso é um fenômeno crescente mais recentemente? Ou sempre foi, desde a fundação do PT, por exemplo, essa ligação forte do sindicato com os partidos populares?

L.R. – Isso já existiu antes. No próprio PTB...

H.B. – PTB também.

L.R. – Já, desde a sua formação, existiam muitos dirigentes sindicais. Burocratas sindicais, na verdade, que foram tidos como pelegos que estavam ligados ao governo. Então, eles ascendiam dessa maneira. No caso do PT, dos sindicalistas petistas, o que se destacou foi que eles tinham propostas agressivas. Não eram pelegos. Eram os chamados sindicalistas combativos, ou autênticos. Então, é um pouco diferente do que existia na época do Goulart, por exemplo. Mas já existiam. É que eles não tinham muita autonomia e não tinham... Eu precisaria fazer um levantamento preciso, e não está sendo fácil, para saber quantos eles tinham. Quantos existiam, por exemplo, a partir da eleição de 1962, na Câmara dos Deputados, para eu poder fazer uma comparação e responder a sua questão. Mas eu ainda não cheguei a isso e não sei te dizer. A minha hipótese já comentou bastante. E que eles adquiriram maior autonomia. Mas tudo é mais complicado, não é? Porque não são só os sindicalistas. Você tem que contar, também, um papel

importantíssimo da igreja. Então, a igreja teve um papel grande. E há alguns partidos políticos pequenos, também, junto com a igreja ou próximos de organizações da igreja, que foram para o PT e se elegeram também. Porque eles nunca representam o PT como tal, eles representam uma facção dentro do PT – é um grupo dentro do PT. É sempre assim, não é? E que se digladiam furiosamente [riso] na disputa de certos cargos.

H.B. – É possível, por essa pesquisa, perceber se há um deslocamento... Um recrutamento de certo segmento para um partido e uma mudança de partido, depois? Ou a pesquisa não está cuidando disso?

L.R. – Repete, outra vez, a sua pergunta.

H.B. – O que está te mobilizando intelectualmente é saber quem são as lideranças políticas hoje, de onde vêm, não é?

L.R. – Sim. Exatamente.

H.B. - Então, há uma distinção forte entre o recrutamento que um partido como o PT faz, ou um partido como o PSDB, por exemplo.

L.R. – Não. É bem diferente.

H.B. – Bem diferente.

L.R. – Claramente.

H.B. – Foi o que a sua pesquisa mostrou. Então, o que eu estou perguntando é se esse recrutamento, do PT, ele pode migrar para outros partidos? Ou há uma tendência à fidelidade maior nisso?

L.R. – Não pode. Porque o que acontece é que o deputado é eleito – há sempre o risco de um viés – o deputado é eleito e a tendência é que ele continue. Há um esforço muito grande para ele permanecer e ascender na classe política – esse esforço é confrontado pelos novatos que querem... [riso]

H.B. – Um lugar.

L.R. – Um lugar, não é? Bom, há um grande número de deputados que vieram do sindicalismo e que permaneceram – foram para o governo, estão lá e não mostram nenhum sinal de sair. Inclusive adquiriram... O presidente da Câmara Federal, hoje, é um ex-sindicalista. Então, eles estão muito confortáveis, lá, e não querem sair nem a pau; e são reeleitos. Então, esse é um dado importante. Outro dado importante é que isso tem efeitos sobre o patrimônio dos deputados. Já na minha primeira pesquisa eu pude evidenciar, fazendo uma correlação entre as legislaturas, o número de legislaturas que o deputado tinha e o tamanho do patrimônio. Então,

era visível que o patrimônio aumentava segundo o tempo de legislatura. Não importa como. Isso eu não tentei investigar, se era por meios lícitos ou ilícitos, mas havia cálculos precisos quando você fazia a correlação. Uma legislatura, duas legislaturas e, do outro lado, a outra variável era patrimônio; e você via que havia um aumento do patrimônio. Bem, muitos deputados dos outros partidos também aumentavam o seu patrimônio – e eles já tinham um patrimônio mais elevado do que o PT -, mas eles já tinham patrimônio. Você não sabe se é porque eles estavam na política há mais tempo ou se eles já tinham um dinheiro de família – dos negócios.

H.B. – Se já veio, não é?

L.R. – Se já tinha vindo. Então, a questão é, realmente, complicada. Você tem que trabalhar com muito cuidado. O que não há dúvida é que a minha primeira constatação foi, depois, comprovada pelos outros dados do Fernando Rodrigues – ele ampliou o estudo, o meu era mais limitado. O primeiro. Ele, então, estudou e teve acesso. Até porque, no começo, quando eu tentei fazer o levantamento, algumas declarações patrimoniais não ficaram disponíveis, não quiseram dar. Não chegaram a afetar a minha pesquisa, mas o Fernando conseguiu mais coisas – que, agora, é obrigatório. Eles não podem dizer que não querem. Então, houve uma mudança, desse ponto de vista. O que não há dúvida é que o PT tinha a maior proporção de deputados com baixo patrimônio em comparação com os outros partidos, principalmente o PFL e PP; e era, por outro lado, um partido cujos deputados mais tinham aumentado o patrimônio médio. O que é mais ou menos explicável é que eles tinham menos patrimônios, mas eles aumentaram mais proporcionalmente do que os outros deputados. O que leva à conclusão que muitas pessoas... - que não era novidade nenhuma – é que a política é uma maneira de se enriquecer, sobretudo no Brasil. E, também, na minha visão, os políticos se adaptam para conseguir se eleger – mudam de partidos. Ora, esse Lindbergh é um caso bastante interessante, como ele foi mudando de uma coisa para outra. Aí, vem outra constatação: o movimento estudantil é, para as classes médias, o que o movimento sindical é para as classes trabalhadoras. Você ser presidente da UNE já é um caminho para uma carreira política de sucesso – nós temos o Serra, [inaudível] e outros. O Lindberg...

H.B. – Vladimir Palmeira.

L.R. – Vladimir Palmeira. Se for investigar, você vai encontrar qual é a estratégia que cada um usa, e eles usam a estratégia, um pouco, segundo as possibilidades de cada um. Bom, agora, a coisa interessante – para voltar à tese principal de que os partidos são a mesma geleia geral – é

que havia uma correlação, e há uma correlação, porque continua existindo ainda hoje, entre o partido como legenda, como organização, as fontes de recrutamento e a posição ideológica. Se você for caminhando no que, habitualmente, se chama de direita = mas eu não quero discutir, agora, o que é direita e o que é esquerda porque nós não terminaríamos nunca essa discussão – mas, se for pelo que, habitualmente, se chama de direita, você vai ver algumas legendas bem claramente, como o PFL, na época, e o PP, são essas pesquisas que têm mais empresários. Então, há uma correlação mais ou menos forte entre a proporção de empresários e posição ideológica programática do partido. Tal como ela aparece, habitualmente. Eu não fiz nenhum levantamento de todas as votações, na Câmara dos Deputados, para saber como é que os partidos tinham votado. Eu segui o que era, habitualmente, considerando esquerda, direita e centro. Muita gente disse: “Ah, mas isso não quer dizer nada.” Bom, muito bem, mas se eu perguntasse para você: “Defina, ideologicamente, o PC do B...” Você não vai dizer que ele é de direita. Você vai dizer: “O PC do B é de esquerda.” É o que aparece, não é? O PT parece, mais ou menos, de esquerda. Embora o Lula, de vez em quando diga: “Não. Eu nunca disse que era de esquerda.” Mas não importa. A mesma coisa vale para a direita, só que a direita não gosta de dizer que é de direita. Os que não são de esquerda, ou são mais ou menos, gostam de... Ou são de esquerda, ou pensam que são de esquerda, gostam de se afirmar de esquerda; mas os que são considerados de direita negam – “não, eu não sou de direita, eu sou centro.” Isso começou com uma pesquisa que eu fiz sobre os constituintes. Então, eu estava preocupado com a composição social e, também, como é que eles se definiam. Eu coloquei uma pergunta assim – porque, aí, foi entrevista direta com os constituintes –, como é que eles se classificavam. Quase todos [risos], só dava centro e esquerda. Direita não existia, não é? Bom, então eles diziam: “Não, essa coisa não tem mais sentido hoje”. Os que eram mais de direita: “não têm mais sentido” e tal. Bom, não me importava se eram ou não, de fato, de esquerda – porque ninguém sabe o que é ser, de fato, de esquerda. Quando me amolam com essa história - “ah, você é de direita” – eu digo: “Bom, e o Stalin? O Stalin, o que você diria?” O Stalin era de direita... [risos]

H.B. – De direita e esquerda.

L.R. – De direita, centro e esquerda. [riso] Não faz nenhum sentido. Mas eu já tinha essa preocupação quando eu fiz uma pesquisa, foi um livro grande sobre quem é quem na Constituinte. Voltando, agora, ao assunto. O Importante é que tinha essa correlação entre as fontes de recrutamento dos partidos, a legenda e a ideologia que o partido parecia ter para a

maioria... Com o mundo dos eleitores. Ou pelo menos da opinião pública. Os eleitores não sabem direito, essas coisas. Bom, isso indicou o meu foco de preocupação em que estou trabalhando agora. Eu não acho que tenha havido uma mudança muito importante, eu acho que há um momento da classe média – e eu acabei de fazer na Câmara, por exemplo, até um milhão de patrimônio dá 61% da Câmara. Não é uma coisa absurda. Mas o que atrapalha é que os políticos que estão lá há mais tempo, mesmo que eles tenham vindo de baixo... Digamos, um bancário se elege, mas ele está, lá, a duas ou três legislaturas, e ele está acumulando brutalmente. A acumulação é muito grande, em todas as áreas, todos os políticos acumulam; e não seria de se esperar que pessoas entrassem na política independente do dinheiro. Não existe isso. No passado sim, a política era um vício.

H.B. – Convicção.

L.R. – E gostavam de gastar dinheiro. Hoje não é assim, eles não tiram dinheiro do seu bolso. Sempre tem alguém que financie. Eu vejo esse processo de política de massas, que é a minha preocupação principal, há uma certa popularização, entre aspas, da classe política. Certa, porque tem muita gente rica, ainda, não é? Eu tenho a porcentagem, aqui, que eu estava falando para vocês: acima de quatro milhões têm quase 9% dos deputados; entre treze milhões e quatro, se eu somar, dá 15%. É uma proporção, mais ou menos, grande de dinheiro declarado de patrimônio. Isso não abrange o imposto de renda, que é uma coisa separada, a qual eu não tenho acesso. Ao imposto de renda não se tem acesso. Bom, então, houve um aumento da presença da classe média na classe política e, também, uma transformação nos partidos. Há alguns partidos que estão visivelmente meio declinando, mas se surgem outros partidos. Agora, o caso do PSB vem e afeta todo o quadro; depois, vem o Kassab e cria outro partido, não é? Mas o PP perdeu gente; eu acho que o PPS se descaracteriza; e a composição do PSP... Do ex-Partidão, eu quero dizer, o PPS, muda. Então, a classe política está em... Ou os partidos, as legendas, estão em mudança. Eu não sei se os partidos mudam muito mais do que a classe política ou não. Eu tenho a impressão de que há um movimento em direção a um peso maior das classes médias assalariadas. Desse ponto de vista, se eu estou certo – mas eu ainda não tenho muita certeza - aconteceu uma coisa interessante interessante: a classe alta mesmo – vamos pegar um termo marxista – a burguesia, perdeu espaço na Câmara. Não desapareceu inteiramente, mas ela perdeu espaço. Mas, ao mesmo tempo em que ela perdia espaço, os políticos vindos das classes altas perderam espaço, o dinheiro começou a pesar mais do que nunca na política. Então, a democratização do nosso sistema eleitoral, que nós achamos ótimo: votam menores

de idade, a partir de dezesseis anos; vota todo mundo hoje, no Brasil. Um eleitorado de massas, não é? O que houve, desse ponto de vista? Uma inegável democratização da participação. As campanhas ficaram mais caras – quanto mais gente participando, mais caras. Os nossos bisavós – não de classe alta – eram poucos que votavam, [riso] e se gastava pouco. Os gastos eram muito menores. A gente se lembra dos bons tempos da oligarquia em que as reuniões políticas se faziam num salão.

H.B. – Em um salão e cabia.

L.R. – Cabia todo mundo. Bom, agora não é assim. Custa muito dinheiro, a campanha, e ela ficou muito cara. Então, a burguesia que tinha sido expulsada pela porta, voltou pela janela. São os grandes financiadores de campanha. Ninguém mais põe a mão no bolso para sustentar a sua campanha porque não dá; e eles têm que arranjar financiadores de campanha. Há um estudo interessante feito pelo DIAP com os deputados da outra legislatura em que eles se declaravam financiadores de campanha. Eu achei fantástico porque, todos eles, inclusive os do PT, quem são os financiadores? Os empreiteiros, o sistema bancário, o sistema financeiro - de um modo geral – e um ou outro grande... São empresas, ninguém está pondo a mão no bolso para pegar dinheiro, então, eles são, agora, os grandes financiadores da campanha. É por isso que os empreiteiros agradam a todo mundo, não é? Cedem para o Lula uma casa, em Paris, para ele deixar, lá, a filha dele. Eles passam o tempo inteiro... Nós temos uma fusão muito grande entre o sistema político e o sistema econômico como nunca tivemos no Brasil, não é? O grande capital unido aos grandes políticos. Aí, vem uma outra coisa: vêm os sindicatos. Os sindicatos têm muito dinheiro, muito dinheiro; e aumentaram mais, agora, com o Lula. Com a legalização das centrais sindicais e desvio de dinheiro para as centrais sindicais. Muito bem, então, o presidente de uma central conta com o apoio – ou de uma entidade sindical – ele conta com o apoio dessa entidade e não gasta muito dinheiro. O que eu estou dizendo para vocês com referência ao sindicato dos trabalhadores vale para os sindicatos de empresas; e que, também, têm os seus candidatos, de modo aberto ou oculto. Então, nós estamos vivendo uma situação interessante, porque você tem um papel grande dos sindicatos, e são muito importantes em tudo isso, e a influência do dinheiro marchando junto com o aumento da classe média; e a entrada, também – são poucos – de gente que vem mais debaixo, com pequeno patrimônio. Bom, esse é o quadro que eu estou vendo, assim, hoje.

H.B. – Você acha que esse quadro, essa expansão, tem uma interferência sobre a política hoje? Como é que você está vendo o momento político hoje?

L.R. – Ah, deixe eu só dizer uma coisa, antes que eu me esqueça. Depois, você repete a pergunta para eu não esquecer. O importante é que houve uma mudança, também, na característica, ou no tipo de sindicato. Nós tivemos um crescimento, a maior parte dos sindicalistas vem de sindicatos de classe média de funcionários públicos. Sobretudo, os professores, médicos e bancários – bancários do setor estatal e professores do setor público. Quando o sindicalismo explodiu na década de 1970 com o Lula, era um setor industrial – dos trabalhadores de fábrica – do setor moderno do ABC. E hoje não. Não é um fenômeno brasileiro – ou apenas brasileiro – é um fenômeno geral. O sindicato de trabalhadores manuais do setor privado, principalmente, recuou no mundo inteiro enquanto aumentava a importância dos sindicatos do setor público. O maior sindicato nos Estados Unidos, hoje, é o sindicato dos professores. Alguns sindicatos que eram importantes de trabalhadores manuais, também, que declinaram, acabaram totalmente. Na Inglaterra, os mineiros, que tiveram um papel fundamental no passado, não existem mais; os doqueiros, que eram importantes, deixaram de ter peso; então, enquanto cresciam os sindicatos do setor público e, geralmente, de não manuais - *white-collar*. Isso que nós assistimos, no Brasil, é uma coisa geral. A diferença é que, no Brasil, os sindicatos são sustentados pelo Estado – por nós, indiretamente – e não é sustentado diretamente pela categoria. Não é como é no caso dos países mais desenvolvidos. Mas se bem que o sindicato sempre arranja um jeito de buscar dinheiro...

H.B. - Do imposto.

L.R. – Do Estado, não é?

H.B. – É, também. Mas eu estava te perguntando como é que você está vendo, hoje, a política? Se essa movimentação e essa expansão, se isso, de alguma maneira, já está refletida na forma de fazer política, hoje?

L.R. – Eu acho que a classe política brasileira está num processo de mudança que corresponde às transformações enormes da sociedade brasileira. Que nós não demos muita importância, num dado momento, mas transparecia sobre muitos aspectos. Faz, eu acho, um ano, ou um ano e pouco, eu recebi uma homenagem da Associação Brasileira de Sociologia, eu fui ao Rio fazer uma exposição e me lembrei de coisas, assim, fantásticas. A primeira ANPOCS, eu não sei se você chegou a participar, era um grupinho muito pequeno de pessoas, não é? Eu lembrei que, quando começaram as Pós-graduações – foram formalizadas, na década de 1970, pelos militares, de fato – o único lugar em que dava doutorado, era São Paulo. E as pessoas iam se inscrever comigo – eu achei que era muito importante – para fazer sindicalismo, mas não tinha

outros lugares para fazer uma defesa de... O único lugar que a CAPES reconhecia, era a USP. Mestrado tinha Iuperj, a USP, Campinas, Minas e, eu acho, o Rio Grande do Sul. Não tinha mais. Olha, hoje, o que é a ANPOCS e as pesquisas. Na verdade, eu acho que não poderia ser de outro modo, porque nós começamos a pensar... O país começou a pensar seriamente na pós com algum atraso. Mas eram poucas pessoas, a nossa pós-graduação era uma coisa tão pequenininha.

H. B. – Que você conhecia o programa e quem...

L. R. – Eram poucas pessoas e eu não tinha a menor noção de como é que aquilo funcionava. Tanto é que começamos fazendo o nosso... Organizando como seria a nossa pós-graduação. Então, “o orientador não pode ter mais que trinta.”. É um delírio, trinta [risos] orientados, não é? É que nós não sabíamos. Eu me lembro de uma vez em que eu fui à Columbia, desci e vi que tinha um andar dedicado à União Soviética, ou qualquer outra coisa. Eles estavam recebendo o Pravda todos os dias. Aqui, nós começamos muito debaixo. Mas o avanço, também, foi muito rápido, e nós nos esquecemos disso; mas esse avanço não aconteceu como um milagre. Não foi num setor isolado da sociedade brasileira. Aconteceu em tudo quanto foi setores, a classe política não poderia ficar sem contato e sem refletir essas mudanças que estavam acontecendo. Se você aumenta o número de eleitores, aumenta o eleitorado, isso tem reflexos na classe política – indiretamente, tem. Não é uma coisa imediata, automática e mecânica, mas você tem – a classe política muda também.

H.B. – Esse é o percurso da democratização?

L.R. – É a consequência da democratização. Ela tem, vamos dizer, o lado que nós consideramos – nos nossos valores – uma coisa muito positiva, mas ela tem consequências...

H.B. – Esses desafios mesmo.

L.R. – Negativas, se você quiser.

H.B. – Mas você acha que a coisa negativa, no caso, é essa falta de definição? Ou essa ampliação desordenada? Como é que você está vendo a política hoje?

L.R. – Eu acho que deu – vamos dizer assim, num modo muito simples – uma fúria de enriquecimento da... Nós queríamos uma sociedade de consumo de massa. Quando os jornais falam na entrada da classe C no mercado, tem consequências também no plano político, tem a entrada da classe C no plano político. Muito bem, e a classe C quer consumir, pela primeira vez foi possível consumir, desde o governo Fernando Henrique, e que o Lula continuou, não é? Então, a mudança foi imensa. Nós fizemos um... O Brasil ficou, um pouco, no setor da classe

média. Bom, mas tem muito pobre. É verdade, tem muito pobre, mas o número das pessoas de classe média cresceu enormemente, você percebe. Têm os pobres, mas tem uma ampliação quantitativa da classe média. Você percebe isso quando vai à praia, no litoral, e você vê quem é que está lá, em janeiro. Não é só a classe rica. A classe rica está lá, [inaudível] nos seus resorts, nas suas áreas protegidas, mas há um setor de classe média enorme. Você vê pela venda de veículos e poderíamos tomar milhares de outros indicadores. O número de alunos, sobretudo na faculdade; o número de professores universitários. Isso seria um peso muito grande, uma sociedade que está se movimentando – para o bem ou para o mal. Eu acho que com aspectos negativos, porque a sociedade brasileira nunca foi um modelo de ética; mas as outras classes políticas, também, não são lá uma maravilha. Mas, de todo jeito, tem uma escala dos que são menos corruptos e as que são muito corruptas, e o Brasil está entre as que têm... Todos os dados mostram que estão entre as que são muito corruptas. E as pessoas querem enriquecer muito hoje. A ideia de ascensão social, que começou a ser possível estimula tudo isso. É impossível quando as pessoas dizem: “Não. Vamos mudar o sistema político porque, agora, vai melhorar e porque tivemos o voto distrital misto, você aproxima o candidato do seu eleitor e isso vai ser muito bom.” Quem que é que disse que o eleitorado sabe escolher, ou quer escolher, e ele não é corrupto? Nós estamos vendo políticos notoriamente envolvidos em corrupção se reelegerem. Então, eu penso que o eleitorado... A ideia do eleitor puro e o político corrupto é algo que não se sustenta.

H.B. – Leôncio, se você, hoje, tivesse que dizer o que os cursos... Diante desse quadro que você acabou de fazer, de alteração tão profunda na sociedade brasileira, como é que isso deveria ser refletido nos cursos de Ciências Sociais? Como é que você vê, hoje, a formação de um cientista social?

L.R. – Olha, eu não sei te responder exatamente. Eu me arrisco...

H.B. – O que deveria, por exemplo?

L.R. – Porque eu estou afastado da faculdade há dez anos, mais ou menos; e, nesse período, as transformações estão ocorrendo, não é? Mesmo quando eu estava, lá, eu me ocupava mais da pós-graduação. Embora, no final, eu tivesse passado a dar aulas, também, na graduação porque estava faltando professor. Quando eu fui contratado, era para a pós-graduação. Depois, as coisas mudaram. Eu, o Juarez Brandão Lopes, o Luciano Martins e o Sebastião... Como é que ele chama? Sebastião Cruz.

H.B. – Velasco Cruz.

L.R. – Fomos contratados para a pós-graduação, porque a CAPES não dava autorização para a Unicamp abrir doutorado. Então, nós viemos só para a pós-graduação. Com o tempo, as coisas foram mudando: mais gente fez doutorado, queriam ficar no doutorado; encerravam uma parte do curso, um semestre do curso, na graduação; criou problema; e eu fui para a graduação. Mas, de todo jeito, eu estou falando isso porque eu estava meio afastado. Já no final, na Unicamp, eu participava pouco dos problemas internos do departamento da faculdade. Eu era a massa. Quando tinha uma assembleia, eu ia para ouvir e não participava mais. Então, eu não sei exatamente o que mudou. Acho que muita coisa mudou. Pelo que eu vejo, assim, muito superficialmente, eu acho que deveria carregar um pouco mais na formação técnica dos alunos. Quando eu fiz o meu curso de Ciências Sociais, nós tínhamos um ano de Estatística... Não, um ano de Matemática e dois anos de Estatística. Depois, a partir de 1969, houve uma...

H.B. – Reestruturação.

L.R. – Um avanço da esquerda e do marxismo – e as duas coisas estavam unidas – na universidade brasileira. Apareceu o que eu chamei – e já foi chamado, também, por outros – de um marxismo universitário. O marxismo saiu da classe trabalhadora, dos sindicatos e dos partidos de esquerda e foi para a universidade. Então, assim, é um marxismo universitário; e esse marxismo universitário não queria saber da estatística. Então, quando houve aquele levante de 1968... Que começou aqui na Maria Antônia, mas estava acompanhando o que estava se passando em maio, na França, e foi no mundo inteiro. No Rio e todo Brasil foi contaminado por isso. A primeira coisa que fizeram, foi acabar com a Estatística. Então, ficou só um ano de Estatística. Agora, aparentemente, nós temos um movimento no sentido de reversão dessa tendência, mas eu não sei dizer, exatamente, quão poderosa ela é.

H.B. – Não, tudo bem, mas é uma reversão saudável, digamos? Quer dizer, esperável?

L.R. – Não. Eu acho uma bobagem completa.

H.B. – Não. Uma reversão no sentido de recuperar esse ensinamento.

L.R. – Não. Recuperar, digamos, uma formação técnica e ensinar os alunos a fazer uma pesquisa, pensá-la, tentar saber o que é ciência, eu acho que é uma coisa positiva. A coisa do marxismo foi um atraso monumental. Não deu certo em lugar nenhum, acabou o socialismo, o marxismo, e ninguém mais dá bola para isso. É uma estupidez ficar estudando o capitalismo do século XIX, quando se tem uma sociedade absolutamente diferente, não é? Em que a sociedade é mais rica e cresce a classe média; e em vez de haver o crescimento da classe operária, a pauperização da classe operária. Nós temos justamente o contrário. Toda uma

bobagem, ficaram todo mundo repetindo isso e tal. Atrás dessa discussão aparentemente científica, havia interesses políticos, ideológicos e de grupos que estavam envolvidos, mas que não apareciam claramente. Bom, eu acho que foi negativo, embora sempre se possa destacar, em outra coisa, um aspecto positivo; mas isso é possível quase sempre. Essa tendência – ao meu ver, sobretudo na Ciência Política – recuou; e há uma ideia de você fazer umas pesquisas mais limitadas, mais sérias e comprovando as afirmações. Eu acho que, na área de Ciência Política, houve – o que eu conheço – um inegável progresso. Tem mais gente pesquisando, livros mais bem fundados e menos ideologia, de um modo geral.

H.B. – Portanto, um bom momento.

L.R. – É um bom momento. Eu acho que é um bom momento. Muito bom momento, o que eu penso. Na produção brasileira. Então, eu acho que o Brasil se destacou em quase toda a América Latina; e não só na América Latina. Nós sempre olhamos para a Inglaterra, para os Estados Unidos ou para a França, etc. Mas o Brasil, nos outros países, passa por cima facilmente.

H.B. – Falando em outros países, você... Esse projeto tem uma preocupação de recolher as trajetórias dos cientistas sociais de países de língua portuguesa, e esse não é um contato trivial para as Ciências Sociais. Você teve alguma experiência de cooperação, alguma influência? Como é que você vê isso, essa aproximação?

L.R. – Eu acho muito bom que a haja essa aproximação porque eu penso que o Brasil pode contribuir e, ao mesmo tempo, receber uma contribuição de pesquisadores, ou de problemáticas que são muito diferentes das nossas. Então, eu vejo com muita simpatia. Eu, pessoalmente, não tenho nada. Eu nunca tive esse tipo formação porque, como membro da *intelligentsia*, que se agrupou em torno da Maria Antônia, a nossa influência era francesa – totalmente francesa. Depois, no Rio, com o Iuperj um pouco, Minas Gerais... Era outro tipo e não era bem a nossa influência. Eu acho que ela era mais americana.

H.B. – Mas se bem que, também, não era portuguesa. É mais americana.

L.R. – Não era portuguesa. Nós, aqui, aprendemos... Os professores que vieram para cá eram franceses. As primeiras aulas, na Maria Antônia, eram dadas em francês. Era um grupinho muito pequeno, cinco ou seis alunos. [riso]

H.B. – Quase um estudo dirigido.

L.R. – É. Então, eu tive essa influência; e na Sociologia do trabalho também. Era o Touraine, o Friedman, não é? Eu não tinha muita influência dos americanos não. Era uma influência à

européia com predominância da influência francesa. Depois, eu comecei a me interessar, também, pelos pesquisadores norte-americanos, mas já depois de formado. Por isso eu não sei te dizer...

H.B. – É porque esse é um movimento recente, mas...

L.R. – Eu, pessoalmente, não tive.

H.B. – Mas nem os intelectuais lá, e nem aqui. A História talvez tenha feito essa ponte um pouco maior, dos historiadores brasileiros com os de língua portuguesa.

L.R. – Eu acho que sim.

H.B. – É. Mas Ciências Sociais não. A gente faz uma pergunta a todos os entrevistados: se você tivesse que escolher um livro, um autor... O que seja que tenha tido uma marca importante na sua vida intelectual.

L.R. – É difícil separar assim. Eu acho que o Weber seguramente teve, não é? O Tocqueville. Enfim, é difícil de eu separar...

H.B. – Com o seu depoimento de hoje, eu acho...

L.R. – Ou o Maquiavel, não é? Agora, dos mais recentes, o Panebianco me... É que é diferente. Ele me impressionou bastante, mas eu nunca fui um seguidor de um dado pesquisador. Houve um dado momento em que os trabalhos do Touraine tiveram influência sobre mim – não só sobre mim, mas sobre outros pesquisadores também. Então, eu tive uma formação muito eclética. Eu gostava do Raymond Aron, numa época em que o Raymond Aron não era bem visto. Eu gostava do Dahrendorf. A minha história é um pouco diferente da maioria dos pesquisadores. As pessoas, geralmente, se politizam. Os jovens se politizam ao entrar na universidade. Então, lá ele conhece um pouco do que é esquerda e o que é militância; e uma grande maioria para a militância depois de formado – casa, vai trabalhar e tal – e vai largando a militância. A não ser que entre para a política diretamente. Se não entrar – como o José Dirceu, o Serra e outros – ele larga. Mantém, assim, um esquerdismo leve, não é? Quando mantém. O meu caso foi diferente. Eu me politizei antes de entrar na universidade. Eu comecei a militar no movimento secundário, e com dezoito anos eu já estava num grupo trotskista militando; fiquei uns seis anos nessa brincadeira; e entrei para a universidade muito tarde – já com 25 anos. Quando eu entrei, eu já não estava achando que a revolução proletária iria ocorrer, não é? E não estava achando que, se ocorresse, o resultado iria ser positivo. Então...

H.B. – Você já está mobilizado por se profissionalizar.

L.R. – Eu queria aprender Sociologia. Eu soube da existência da Sociologia e das Ciências Sociais, e falei: “É isso que eu quero estudar.” A Antropologia me atraiu menos, porque eu não tinha nenhum interesse pela sociedade indígena, eu queria entender a sociedade do momento presente – a que nós estamos vivendo. Então, a Sociologia – mais do que a Ciência Política – me atraiu. Mais tarde, eu fui indo para a Ciência Política. Mas o que eu quero ressaltar é que a minha trajetória foi outra. Quando eu entrei na faculdade, eu dizia: “Não, eu quero ler o Aron.” O Manifesto Comunista, o Lênin, o Trotsky, eu já tinha lido tudo, não é? “Agora, eu quero ler outra coisa.” Então, foi assim. E as pessoas ficavam um pouco na dúvida e diziam: “Não. Ele é de direita.” Mas ficavam na dúvida porque eu tinha militado por seis anos, tinha sido preso e processado, numa época em que ninguém ia. [riso] Eu fui preso no Rio de Janeiro, não é? Vê se pode. No meio de uma reunião lá, me agarraram. Bom, então eles ficavam na dúvida, porque eu era do grupo do Florestan, do Fernando Henrique. Então, o que eu era. Porque eu, também, participava um pouco das ações contra ditaduras, escondia gente, não é? Mas, de todo jeito, não era boa leitura – naquela altura – você ficar lendo o Aron, quando você deveria ler O Capital, não é?

H.B. – Claro. Você já estava na frente mesmo. Eu acho que você passou pela política, mas está voltando, a cada hora, mais fortemente para a Sociologia.

L.R. – Eu?

H.B. – É.

L.R. – Não.

H.B. – Achas que não?

L.R. – Não. Eu estou aqui... Eu quero entender quem são esses políticos, mas acho que é preciso da Sociologia. Eu não estou fazendo só os cálculos, quantos votos teve e não sei o que e tal. Não é que eu despreze isso e ache que não tem importância, é que eu não sei fazer e não tenho interesse. Eu acho que as eleições, como é que as Câmaras votam, como é que as coisas são decididas e quais são as coisas de bastidores, são coisas muito importantes. Só que eu não tenho essa capacidade.

H.B. – Por isso que eu estou dizendo. Eu acho que você está fazendo um apanhado mais sociológico, e acho bom para a Sociologia isso.

L.R. – Ah, obrigado. [riso]

H.B. – É isso. Você gostaria de acrescentar alguma coisa que...

L.R. – Eu acho que, no momento, nada. Eu queria só marcar: entendendo o momento atual com o passado, eu acho que mudou muito, o objeto dos cientistas que trabalhavam na área da Sociologia do trabalho. Num dado momento, nós tínhamos um grupo que parecia... De sindicalistas, que eram combatentes, autênticos etc. Esse grupo acabou. Eles estão no governo, eles estão nas centrais sindicais, eles estão afastados do trabalho e da fábrica há muito tempo; e a intenção é continuar – ninguém quer voltar para a fábrica. Eu tenho um livro muito interessante sobre as primeiras declarações do Lula. E a jornalista perguntou: “Lula, o que você vai fazer depois de terminado o seu mandato?” É um livro pouco conhecido. *Lula, entrevistas e discursos*. Aí, o Lula disse: “Eu vou voltar para o torno, eu vou voltar para a fábrica. Eu sou um torneiro e não sei fazer outra coisa. Nunca serei um político e jamais serei um político. Eu vou voltar para a fábrica.” Tudo conversa mole, ninguém sai e volta para a fábrica. O trabalho na fábrica é um trabalho desagradável, duro e perigoso, não é? Então, ele... Tem uma declaração dele, aqui, que é ótima, não é? A jornalista, ou o jornalista, pergunta: “Com a popularidade de que desfruta no momento, você tem alguma pretensão política para o futuro?” “Não tenho pretensão política. Isso eu faço questão de deixar bem claro, eu quero dizer que a única coisa que eu aprendi a fazer na minha vida foi ser torneiro mecânico, e estou tentando aprender a ser um bom dirigente sindical. Eu não tenho pretensões políticas, não sou filiado a partido político e tenho certeza de que eu jamais participaria da política, porque eu não sirvo para a política.” [risos]

H.B. – Ah, eu vou mostrar esse livro. Muito interessante, isso. É muito dinâmica de vida, não é? Provavelmente...

L.R. – As coisa mudam. Esses dirigentes sindicais tinham 25, ou 30 anos, e hoje estão com 60 anos; e são dirigentes, sobretudo, das centrais sindicais em que o Lula passou para eles 20% da parte que era do governo, que tirava do imposto sindical. Passou 10% para eles. É um dinheirão. Então, hoje, eles são... Eles têm peso político e estão bem alojados, não é?

H.B. – Mas você acha, então, que isso é...

L.R. – Eu acho que isso mudou. A primeira mudança...

H.B. – Mudou o sindicalismo, ou...

L.R. – Nós não temos mais um sindicalismo agressivo e combativo. Nós temos um sindicalismo no setor público, que são os que fazem mais greves, atualmente; e são greves muito fáceis de fazer porque o governo... Não é só um problema nacional, é internacional. O problema aqui, no Brasil, ou mais do que nos outros países, é que não têm instrumentos para a resolução de

conflitos na área do setor público. São greves de custo muito barato. Não custa nada. Na greve, geralmente, quem mais lucra é o dirigente sindical, porque ele se projeta e ele fica conhecido; e ele, para entrar na política, tem que fazer uma grevezinha. Se ele não fizer uma greve, ele não se projeta. Daí ele passa como combativo, lutador, etc. Mas a greve é muito barata, não custa absolutamente nada e não tem importância, porque toda greve do setor público não atinge o outro lado. Geralmente, a greve é para causar um prejuízo do outro lado, de maneira que o outro lado entenda: olha, é melhor negociar. Vai numa fábrica de automóveis; deixa aquilo parado por dez dias; eles estão querendo 100; eu vou oferecer 80; e chegamos num acordo por 70, ou 90, sei lá. No setor público, não tem isso porque a greve atinge o usuário, não atinge o outro lado. O governo está pouco se lixando. Então, há uma greve no Banco do Brasil, quem é que está sendo prejudicado?

H.B. – Nós.

L.R. – Nós, o usuário. Eu que recebo por lá. O setor de correios, o governo está pouco se lixando, não é? E assim vai. Esse é um problema, mas não acontece nada. Nós sabemos que não acontece absolutamente nada. Esse sindicalismo mudou e você não tem mais um sindicalismo como... Foi uma época do Brasil, a meu ver. Uma época da industrialização...

H.B. – Do setor produtivo, hoje, não tem mais, você acha?

L.R. – É que o que aconteceu no setor produtivo foi uma automação fantástica e uma alteração de todo o sistema produtivo. Eu me lembro, quando eu comecei a minha primeira pesquisa – no que, depois, virou Ford e, naquela altura, era Willys Overland. A produção toda era feita na base da produção em série, na linha de montagem da produção em série. Vinha passando... O automóvel passava por lá, um vinha e punha o farol, ou punha a [inaudível], depois... Mesmo a pintura era um negócio extremamente complicado, tinha uma câmara totalmente fechada, os trabalhadores estavam protegidos de máscara e pintavam aquilo. Como a automação não tinha lançado ainda, era assim: eles pegavam uma semana só para pintar de azul um dado veículo; depois, mudavam tudo e limpavam; agora, a outra semana vem vermelho. Eles calculavam, mais ou menos, quantos carros iam vender de cada cor. Depois, a produção em série foi substituída pela automação. Hoje, é toda automatizada. Quando o carro sai de uma coisa, já... Se ele entrar na câmara de pintura, a câmara já sabe e se adapta para aquela cor. Há máquinas que vão ou grampear, soldar ou instalar qualquer componente. Ela é um detector e já determina qual é o tipo de veículo que está chegando; a máquina faz uma série de gestos e se adapta para aquilo lá. O que aconteceu? Despediram gente aos montes. Então, você tem uma classe operária

qualificada, aumentou a qualificação. Ao contrário do que se pensava que iria cair, aumentou a qualificação. O ambiente fabril é limpíssimo e organizado, mas tem menos trabalhadores.

[FIM DA ENTREVISTA